

RUMO AOS MISTÉRIOS

Osíris Vive

JORGE ADOUM
(Mago Jefa)

I

1. O mundo morre de sede.

Entretanto, ao invés de se acudir às águas vivas, abre-se às veias e bebe seu próprio sangue, cuja abrasadora acritude, longe de aplacar aquele mal, ainda o exarceba.

2. Todo escritor deseja ter leitores, pois não é bom que esteja só. Às vezes o autor se pergunta, para que escrever se não há leitores? Permita-se franqueza na resposta. Antes de tudo, o escritor deve ser um artista.

O verdadeiro artista, ao compor uma poesia, pintar um quadro, ou improvisar uma sinfonia age para si mesmo, porque não existe alegria maior que a do conhecimento, ainda quando solitário.

A alegria do conhecimento é a da força, e a força mede-se pela expressão (expressão que significa pressionar para força).

Que não diga o que deve dizer; nem como deva dizer; pelo menos o artista não diz o que todo mundo diz.

O verdadeiro artista, sempre, conta com um reduzido número de pessoas que sabem apreciar suas obras. O bom é pouco ou reduzido, por isso que um homem bom vale por dez mil malvados. O bom não sobra.

Os leitores esperam do escritor que seja como a abelha, que reúne a doçura das flores para formar os favos. As almas dos leitores gostam do mel e, como este, tornam-se tão brandas que se derretem ante o fogo e se endurecem ante o gelo. Mas, o escritor, artista, finalmente, não escreve para os seus contemporâneos. Como alguém iniciado, que compreende o verdadeiro poder de seus pensamentos, materializa este poder em suas palavras e espera tranqüilamente a idade futura, para mais cedo ou mais tarde, obter o efeito.

3. A verdade e a falsidade lutam, corpo a corpo.

O mundo, presa de uma ansiedade confusa, indizível, que nada pode acalmar, busca, com afã, a solução do enigma.

Resta o pressentimento de que o problema não é de um, senão de todos, isto é, da sociedade e não da realidade.

4. A Esfinge tem que devorar ÉDIPO, este não pode escapar dela.

Alguns blasfemaram em atribuir o mal do mundo a Deus, e outros deliram por acoimá-lo ao demônio; mas ninguém o atribui à sua própria impiedade-que é o sumo do mal, fonte de todos os problemas individuais e sociais: os ímpios são contra o Estado, destruidores da cidade (nas palavras de Herótodo).

A piedade é o vínculo humano, por excelência, pois que reúne os homens em sociedade. Roto este laço, a sociedade se desagrega.

5. O objetivo de toda religião é marcar a Humanidade com o selo inapagável da Caridade Universal.

Com DEUS, ou contra ELE, o homem é universal; porem na atmosfera religiosa rarefeita não se pode respirar.

Deus ergueu a face do homem para contemplar o Céu; todavia o homem, por tanta inclinação para baixo, já não pode levantar seus olhos para o Sol.

Os homens, ao romper o laço Religião-Caridade, que os unia, odeiam-se até a antropofagia, e os corpos vivos converteram-se em massas mortas que se chocam, entre si, destroem-se e voltam ao caos.

Muita razão teve o socialismo em escolher a palavra “massa” para designar as multidões humanas; fala delas como massas físicas inanimadas.

A impiedade, esse açoite que assola o mundo, é a necessidade de matar o Divino Amor.

6. Há ciência-dom divino; e há cientificismo, que não é ciência – pois não passa de ignorância intelectualizada.

A doura ignorância é uma nova barbárie, refinada; por seus frutos reconhecê-la-eis.

O fruto do cientificismo é a guerra; porque as maravilhas do progresso são transformadas em prodígios diabólicos.

7. Se a luz não alumia em nós, quão densas hão de ser as trevas? Para que buscar o Sol? Não está ele diante de nossos olhos?

Se não fosse a essência solar, o olho não veria a luz –disse Plotino; porem, os ignorantes, que tudo sabem, colocam uma venda nos olhos e buscam sempre, sem nunca encontrar.

Polignoto, ao pintar o inferno, mostra duas mulheres: uma velha e outra jovem, que levam água em potes rachados (no plano divino, tudo que procede do cientificismo é um pote rachado das Danaides).

8. A religião do Amor pode ser compreendida por uma experiência simpática, mas isto é, precisamente, o que falta aos pseudo-sábios.

Toda ignorância doura nunca pode compreender a religião da verdade, assim como o vidro é mau condutor de eletricidade.

Religião é a atitude do homem a respeito de Deus.

Se o olho que não é de essência solar não pode ver nos antigos santuários de Serápis, de Vênus, de Apolo, outra coisa além de um conjunto de tijolos (porque os contempla com atitude irreverente); então, a que Deus rezavam os tolos visionários? Foram ditas repetidas tolices sobre as coisas eternas.

9. Quando se descobriu à múmia do faraó Ramsés II, foi envolta em folhas do jornal “Temps” e transportada ao Cairo em um veículo. O fiscal aduaneiro pesou-a e, como não houvesse nas tarifas a rubrica correspondente ao achado, aplicou-lhe a taxa de bacalhau seco.

Para a douda ignorância, o corpo das antigas religiões é bacalhau seco.

Se o cristianismo foi necessário, para que serviu o paganismo?

Algum cristão se incomodou em buscar sob a envoltura do mito para encontrar o mistério?

Não. Porque nenhum suspeitou que a verdade do mito está no mistério.

10. Omar, ao queimar a biblioteca de Alexandria, disse:

“Se os livros são bons, não os necessitamos, pois tudo o que é bom temos no Korão, e, se são maus, não devem existir.”

A chave do mito é o mistério, e a chave do mistério é o sacramento.

O homem é a medida de todas as coisas -dizia Pitágoras; e, qual a medida do homem senão sua semelhança com Deus?

Se isto é verdade, não só o homem será semelhante a Deus, como Deus será semelhante ao homem.

O mito que faz homens dos deuses é certo; porém, certos são, também, os mistérios que fazem deuses dos Homens.

11. Os mistérios dos santuários são os mesmos de nossas almas; o que está nelas está, igualmente, em nós próprios.

Aquele que não encontrou em seu próprio coração a chave, que abre as portas do templo, não penetrará no santuário.

II

1. A mitologia contém, em si, a verdade religiosa-diz Schelling.

A religião não é mitologia: porém, sim, a mitologia é religião.

O Mediterrâneo significa o coração da Terra, e em suas ondas palpita o coração da Humanidade. Séculos e nações agrupam-se em seu redor.

Se traçam duas linhas – uma de Mênfis a Constantinopla, a outra de Babilônia até Roma; Obtém-se uma cruz, que é à sombra da do Gólgota.

A história universal realiza-se debaixo desse sinal da cruz.

2. A tradição é o mistério da cruz.

Inumeráveis são os povos, os idiomas, os mitos; porem, não há mais que um mistério: o do deus morto e ressuscitado.

Osíris, Tammuz, Adonis, Áttis, Mitra, Dionísio, são à sombra das coisas vindouras, mas o corpo se encontra no Cristo.

Os mistérios de Elêusis unem todo o gênero humano.

Na noite sagrada, sobre o “anakoron” de Elêusis, acende-se uma grande luminária –a luz para alumiar as nações:

“O povo que caminha entre as trevas verá uma grande luminária; sobre aqueles que habitam o país da sombra da morte brilhará a luz”.

O mito universal do deus que padece, não se fundamenta em um feito, que tenha ocorrido uma vez, mas sobre um acontecimento que se sucede sempre –que é o sentido de novo na vida da Humanidade.

Este sentido se repete sempre.

3. A história universal é o espaço geométrico em que o corpo do Cristo se constrói.

O Cristo oculto no paganismo, revelou-se no cristianismo.

De fato, o cristianismo é o Apocalipse do paganismo.

Se os cegos não vêem o Sol, não estão impedidos de sentir seu calor. O Cristo atuou sobre os pagãos como o Sol irradia sobre os cegos. O mito do Cristo existia antes de Jesus.

Mas o Cristo não é um mito.

Tanto quanto as montanhas longínquas se assemelham a nuvens; o cristianismo, cadeia principal (Himalaia da história do mundo), está envolto pelas nuvens dos mitos.

Porem, disso não se deduz que o Himalaia não seja mais que uma nuvem.

Cristo existiu?

Os verdugos do Cristo são os únicos que não crêem Nele, conquanto o mesmo desejo de matá-lo, de suprimi-lo, demonstra até a evidencia sua existência real.

O mito do Cristo é o mito do deus que padece; é a sombra do Messias por vir, estendida por sobre toda a Humanidade.

4. Eleusis vem da voz: ”éleusis” - a vinda.

O sentido mais profundo dos mistérios de Elêusis não é outro que a vinda do deus que acaba com todos os verdugos do Cristo.

5. A propósito, consta que a versão de Leon Tolstoi, sobre um bispo, que, quando navegava pelo mar Branco, ouviu contar que em uma ilhota viviam três velhos ocupados com sua própria salvação e que eram tão simples de espírito, que nem, sequer, sabiam orar.

Cheio de curiosidade por vê-los, o bispo se aproximou da ilhota, desembarcou, e, ali, se deparou com três anciões de cabelos grisalhos, que levantavam as mãos postas para o alto a rezar.

Como orais a Deus? Perguntou-lhes o bispo.

E o mais velho dos anciões disse:

“Eis como rezamos: Nós somos três; Vós sois Três. Tende piedade de nós!”.

O bispo sorriu e retrucou:

‘Ouvistes falar da Santíssima Trindade, porem não é assim que deveis rezar.’”.

Então, passou a lhes ensinar como se deve orar.

A lição durou todo dia, até a noite –tão pouca memória tinham os anciões.

Depois, ao final, retornou a sua embarcação.

A lua se levantava, e, enquanto o bispo, sentado na popa, contemplava o mar, viu o reflexo de uma coisa clara e brilhante. Olhou mais atentamente e percebeu que os três anciões corriam pelo mar, na direção do barco.Suas barbas reluziam na noite. Com os braços faziam sinais, e uma vez que o alcançaram, os três anciões exclamaram a uma só voz:

“Esquecemos tua lição, irmãozinho. Já não recordamos nada. Ensina-nos de novo”.

O bispo se benzeu e respondeu-lhes:

“Vossa oração chega até Deus. Nada tenho a ensinar-vos”.

Em seguida, prosternou-se ate os anciões.

6. Os órficos designavam os cabiros com três nomes: Axier, o Pai Celeste (Zeus); Axioskersa, a Mãe Celeste(Demeter); e, Axioker, o Filho do Céu e da Terra (Dionísio). Nos mistérios de Elêusis voltam a se encontrar as mesmas três pessoas - se bem que numa outra ordem: o Pai, Dionísio; a Mãe, Deméter; e o Filho, Iáccos. Posteriormente , os homens regaram os antigos nomes dos três ;mas sabiam que eram Três e Uno ,a uma só vez. Na ilha de Creta, dentro do labirinto de Minos (o rei-deus fabuloso), foram descobertas três pequenas colunas de argila unidas pelo seu pedestal. Em cada uma delas está pousada uma pomba, que simboliza a descida dos Três. Os cnóssios, em Creta, desde antes da guerra de Tróia, adoravam aos três – e como era simples; como não sabiam rezar, murmuravam: ”Vós sois Três, nós somos três. Tende piedade de nós!”.

III

1. Será certo que tenha dito Goethe:

“Não; jamais três serão um”.

São Clemente afirmou:

“Temo escrever daquilo que me atrevo ao falar”.

Eis a formula algébrica de Schelling:

- A = o Pai;

+A = o Filho;

+ - A = o Espírito.

Einstein sabe algo da “quarta dimensão”; porém, talvez, Orfeu soubesse mais, e também, Pitágoras - o hierofante da Catedral Sacra (que foi por ele celebrada como “numero dos números e fonte da eterna Natureza”)

Acima do Pai, do Filho e do Espírito Santo reina Deus, em sua mesma Unidade; de sorte que o mistério do Criador e do Mundo (o criador) se expressa assim: $3+1 = 4$ (que significa: Três em Deus, Quatro no Mundo).

A Trindade, em metafísica, corresponde à quarta dimensão da metageometria.

Este é o mesmo jogo dos números divinos que se materializam na pirâmide dos egípcios - ao unir em um ponto do céu quatro triângulos que brotam da terra; e, de igual modo, os babilônios na zigurat (torre de sete pavimentos $3 + 4 = 7$).

O número três é à base de toda a arte, e de toda ciência, pelo idêntico impulso das três dimensões para a quarta.

2. Os Serafins clamam:

“Santo! Santo! Santo!”

Tenha sido Heráclito iniciado ou não, toda sua doutrina esta fundada no mistério dos três.

Os dois princípios opostos se unem em um terceiro: $A + A = A$.

Mesmo o homem que não sabe o que é trindade; toda lei física é ternária; dois corpos “contrariamente concordantes” se fundem em um terceiro.

Ternária, igualmente, é a lei da vida orgânica (duas orelhas, dois olhos, dois hemisférios cerebrais, dois pólos; e, entre eles, sempre a eterna chispa divina).

Todos os homens, com seus inumeráveis sistemas filosóficos (monismo, dualismo, pluralismo), parece guardar um terror, ou temor, a respeito da Trindade.

No entanto, os três anciãos, em sua ilha, tão somente admitiam: “Nós somos três. Vós sois Três; tende piedade de nós”.

Três há que dão testemunho no Céu, e três há que dão testemunho na Terra.

No Céu é a Trindade Divina, e na Terra é a trindade humana; mas, se não se compreende o que não é Uno, não é possível compreender o que é a Trindade.

3. O mistério do Uno é o mistério do Eu divino.

“Eu Sou aquele que é”, diz o Senhor”.

E o homem, imagem do Criador, repete:

“Eu Sou”.

Aqui

ele que nunca disse: “Eu Sou”, por certo não terá dito “Deus é”.

Se digo: “Eu Sou”, porque Deus existe.

Antes que eu nasça, devo ter existido.

Eu sei, por conhecimento interno, que Eu Sou, antes de toda experiência exterior.

Sei, assim mesmo, que existe, além mais, outra coisa que não é o eu externo.

E tudo o que não é o Eu (interno), nega-se e exclui-se, ou é negado e excluído: todo corpo estranho, ao penetrar no meu: ou o destrói, ou o mata ou é morto por ele.

É a lei, em todas ordens, e sempre; menos em um só e único ponto: o sexo.

Somente no amor sexual, meu próprio corpo e um corpo alheio se penetram; não para destruir ou matar, mas para conhecer-se – como Adão conheceu Eva.

4. Possuo conhecimento unicamente externo de meu corpo; dos demais corpos não conheço mais do que meu próprio.

O amor sexual é a fonte do nascimento, assim como o é da morte; pois tudo o que nasce, também morre-morte e nascimento são dois caminhos que levam ao mesmo ponto, ou a um mesmo percurso, que vem do mais além, e para lá retorna.

O mistério do Pai, do Uno, esta no Filho; porém, o mistério de Deus consiste no que foi dito anteriormente.

Todo corpo pertence às três dimensões; e o sexo, à quarta.

No princípio Deus criou o homem à sua imagem.

Mas, Deus já era Uno.

Criou-o macho e fêmea, a fim de que fosse dois em uma só carne, no reino do Sacramento da Igreja (da Carne e do Sangue)- assim como no Reino de Deus, na Sociedade Divina: porque, todos formam não mais que o Uno, à semelhança Tua, Pai.

Tu estás em mim, e Eu Sou em Ti; do mesmo modo que eles não compõem mais que o Uno em Nós...e, “Eu Sou o mesmo Eu neles”.

5. A Trindade pagã é o Pai, a Mãe e o Filho; na Trindade cristã, o Espírito Santo substitui a Mãe.

Logo, o Filho nasce sem Mãe, isto é, parece incluso que não nasce por completo.

Não é a revelação viva, senão um dogma morto; então, o sexo está em Deus-fato que nosso coração rechaça (porque o homem já não santifica o sexo; mas, tudo o que faz é manchar o amor).

O sacramento do matrimônio que aceitamos, tampouco o admite nosso coração.

O coração do cristianismo- a Eucaristia –é incompatível com o sacramento do matrimônio .

Os dois serão uma só carne, um só sangue, mas no ato da concepção.

Não será blasfêmia este pensamento: ”comei, esta é minha carne; e bebei, este é o meu sangue” - se o compararmos com o anterior?

IV

1. A trindade de Heráclito não é outra coisa, senão a união dos sexos:

“A Natureza- diz ele – é atraída pela oposição, de que extrai harmonia...Assim tem reunido o masculino com o feminino”.

Dois sexos, dois princípios contrários se unem na ação ,como as duas opostas partes da lira e do arco.

O oposto não é outra coisa que o trinitarismo, no mundo do sexo.

Em Deus está a Trindade.

Entre dois sexos - entre dois pólos elétricos – surge à divina chispa do amor: ‘a Centelha que a tudo cria ‘‘‘‘.

Semelhante a um relâmpago que veio do Oriente e que brilha até o Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem.

Antes, veio para trazer o fogo a Terra.

Deus ama a Seu Filho como Pai; e, também, como esposo à Sua esposa.

Os Serafins estão abarcados com a chispa do amor nupcial, enquanto a lei do amor (Atração) rege as estrelas:

“Amore Che muvoe Sole e l’altre stelle” (Dante).

São Francisco de Assis, o Pai Seráfico, soube sentir o ardor das rosas de fogo deste amor.

2. O sexo é a Trindade Divina no corpo humano-a espada de dois gumes do Senhor, o mistério dos dois em nossa carne; é, enfim, a primeira, a primordial, sanguínea e carnal percepção do Deus triplô no Uno.

O sexo é sua ponte entre a Personalidade –Uno e a sociedade múltipla; ponte que se desmoronou e em que, sobre uma das margens do aberto Abismo, se alça à personalidade não social - enquanto se ergue na outra a sociedade impessoal.

Em nossa época, falsamente cristã, reina o sindicalismo ateu.

A essência do cristianismo, do socialismo, do comunismo e correlatos é assexual, posto que é atéia.

Proletários (de prole) são produtores, engendrados pelo corpo, porém eunucos pelo espírito - já não são homens, nem mulheres, porque se deu morte ao Sexo (o Templo de Elêusis foi trocado por uma casa pública).

2. O mistério do Uno está a na personalidade; o do Dois, no Sexo; porém, o do Três, forçosamente, haveremos de encontrá-lo na Sociedade (ali onde se reúnem três em Meu Nome, ali estou Eu entre eles).

Desde o começo do Mundo, o caminho da humanidade ruma para a Sociedade Divina, ou o Reinado de Deus na terra: “Venha a nós o Teu Reino’ (súplica chegada ao coração antes, mesmo, do que nos lábios humanos)”.

No EGITO, em Babilônia e, até em Roma, pagã ou cristã, a monarquia se confundiu com a teocracia: só podia ser rei o Filho de Deus E quem não o fosse?

“Todos os que vieram antes que Eu são os ladrões... Eu sou o Bom Pastor que dá Sua vida por suas ovelhas, e não haverá mais que um só rebanho e um só Pastor”.

4. Não haverá mais que um só rei: o Cristo.

Então o crucificaram, e Pilatos fez pôr no alto da cruz um rótulo com estas palavras: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus.

O rei segue, até hoje, crucificado, e os homens gritam para Ele;

- Desce!...

Não será este o mistério da serpente do Fogo Sacro, do Poder criador do sexo?

Em verdade este é o Véu de Isis, e cada um tem de levantá-lo, por seus próprios esforços; porque ninguém se atreve a rasgá-lo, para que outros se deleitem em profaná-lo.

5. A teocracia cristã não é mais que a sombra do CORPO Crucificado (do Filho de Deus feito homem); porém, o Bom Pastor pode dizer:

“Quantos vieram depois que Eu não sou senão ladrões e imprudentes”.

A teocracia, ou Reino de Deus, não se realizou no cristianismo mais que no paganismo. Aqui a personalidade sem sexo; ali o sexo sem responsabilidade.

O mistério do Uno (Personalidade), e do Dois (Sexo), não pode ser completo sem o Três –que é a sociedade.

6. A humanidade busca o Reino do Cristo, mas o foi o de outro rei:

“Vim em nome de Meu Pai e não Me recebeste; outro chegará, no seu próprio nome, e o receberás”.

Qual será esse outro (qual seu nome)

Por confusas lembranças cristãs, sabemos o que seja personalidade; por outras, mais confusas, de origem pagã, sabemos o que seja sexo;

Porém, o que não sabemos, nem pouco, nem muito, é o seja que a Igreja – Reino de Deus (Sociedade Divina).

Tenho consciência de mim mesmo, em meu corpo físico (raízes da Personalidade); tenho consciência de mim mesmo, em outro corpo (raízes do Sexo); tenho consciência de mim mesmo, em todos os demais corpos (raízes da Sociedade).

Entretanto, ignoro este terceiro estágio, por completo, porque as raízes da Sociedade não se arraigam no interior de meu corpo vivo - senão fora dele, isto é, na matéria morta (nas massas humanas).

7. Pelo amor nupcial, somente, que se disse à frase: os dois serão uma só carne.
Também serão, todos, uma só carne e um só sangue, no sacramento da Igreja, no
Reinado de Deus, na Sociedade Divina.
Todos formam não mais que um, à semelhança Tua, Pai.
Tu és em mim e eu sou em Ti, do mesmo modo que eles não compõem mais que Um
em Nós...E, que sou neles, Eu mesmo...
Que são seus filhos?
Dirigem-se, rindo para a morte, para o fratricídio (inscrição babilônica).
Todos os corpos estão confundidos, como no pecado da fornicção (em um só corpo,
sem forma).
É como um espelho, que se reflete ao revés.

8. A Terra está prosternada ante a Besta.
Porém, ainda que só restasse uma voz, no fundo subterrâneos, que clamasse: "Venha a
nós o Teu Reino", haveria a esperança da ressurreição (da redenção).
Jamais o Mundo esteve tão perto de sua perdição; todavia, nunca sua salvação esteve
tão próxima.
O socialismo ateu é água morta, e o Mundo tem sede de água viva.
O sedento bebe água em seus sonhos; mas, ao acordar, sente-se com a alma abrasada.
O ardor da sede pode julgar a procedência da água? Na ordem religiosa é possível.
Nunca a Humanidade esteve tão sedenta; sem embargo, a água esta ao seu alcance.
Personalidade, Sexo e Sociedade são os três parcas que entretecem os fios dos sentidos
da Humanidade.
Três anciãos seguem orando, em algum lugar: Vós sois Três; nós somos três; tende
 piedade de nós...
Três no Céu, três na Terra.
Isto significa que a Terra será salva pelo celeste mistério dos Três.

V

1. Certo dia, um homem tartamudo ensinava uma criança a falar, e dizia: ga, ga,
ga...lo.

A criança, naturalmente se desesperava, repetia: ga, ga, ga, ga...lo.
O pobre tartamudo se desesperava, e, por fim, cansado, censurou: -Pronunciou como eu
(ga, ga, ga, ga... lo; e, não como tu (ga, ga, ga, ga... lo)).
Sua intenção está clara para o leitor.
Os historiadores são tartamudos, e transmitem sua gagueira de uma geração para outra.

Fui convidado para uma sessão literária de um colégio, e, no programa, havia um número de cinema, que representava algumas passagens do Egito e suas crenças. Um aluno avançado explicava aos ouvintes os mistérios do Egito:

“Os egípcios eram pagãos ignorantes; adoravam ao boi, ao escaravelho, ao gato e a muitos outros animais”.

Pobre tartamudo, cujo pai também o é!

Se não queremos gaguejar, é preferível nos mantermos calados.

2. O cristianismo começou com a fuga para o Egito.

Se o Cristo não morreu, para sempre, no coração dos homens; se há de renascer, deverá fugir, novamente, para o Egito.

Dois marcos eternos anunciam o mistério do Egito: as **pirâmides** e a **Esfinge**

Pirâmide, em egípcio, significa “saída da terra”, ou “eu brotou da terra” (pir-m-us, ressurreição).

No Livro dos Mortos, o texto egípcio por excelência, está “pir-m-haru”, que significa “saída para a luz” (das trevas da morte para a luz da ressurreição).

A Esfinge tem dois nomes: um é Hor_Harmajitu (que quer dizer “Deus do Sol Levante”); e, o outro é Khepra (que significa “Devenir” – ou seja, “sair do nada para ser”, “ressuscitar”).

Nos confins do deserto egípcio reinou a morte; então, a Esfinge levanta a cabeça para ser a primeira a receber o Sol ressuscitado.

Mãe e filho descansavam ao pé da Esfinge, à sombra das pirâmides (negros triângulos dos sepulcros eternos). No sorriso da criança e no da Esfinge se achava o mesmo mistério.

3. Moisés tirou seu povo do Egito

Mas, o Menino voltou, porque o Egito encontrou Deus.

“Nossa terra é o Santuário do Universo”, dizia Hermes Trimegisto.

O santo Egito é a pátria de Deus.

No entanto, se o Egito encontrou Deus, nós O perdemos.

Quando Napoleão disse: “Quarenta séculos vos contemplam”, não falou a verdade. (1798).

Mais de quarenta séculos: todos os séculos, desde o começo do Mundo (o começo do Mundo contempla o seu fim).

O Egito é o começo do Mundo, e ao Apocalipse é o seu fim.

Quanto mais alguém se acerca de seu fim, mais próximo se acha de seu começo - “Aqui é onde convém que comece meu caminho”, dizia Peer Gynt.

Do Egito parte o caminho que conduz ao Terceiro Reinado, ao fim do tempo: Reinado de mil anos, dos santos sobre a Terra, segundo predisse o Apocalipse.

4. Terra Negra (Khem) é o nome do próprio Egito.

A negrura do limo do rio Nilo, úmido e brilhante – como a viva pupila dos olhos de Ísis, contrasta com o tom vermelho de suas areias mortas: a vida junto à morte (não em luta e em tempestade súbitas, mas em união eterna e pacífica).

Todos os anos, na mesma ocasião do ciclo, o Nilo cresce, inunda, engendrando a vida na morte.

E, num outro mesmo momento anual, começa a decrescer, a baixar suas águas, seguindo o ritmo regular dos astros celestes – quando volta ao seu leito, até um novo transbordamento no ano subsequente.

“O que não é eterno não é verdadeiro”, disse Hermes Trimegisto.

O Egito é a verdade eterna.

Toda juventude passa. Só o velho Egito floresce com juventude imortal.

Os livros sagrados, os ritos, as crenças, as expressões do rosto, as atitudes, o metal da voz, são quase imutáveis, tanto que a lamentação e o manero (canto fúnebre de Ísis sobre o corpo de Osíris) se recitavam exatamente assim, desde a primeira dinastia: nem um som mudou em três mil anos.

VI

1. O que chama a atenção para o todo egípcio, acima de tudo, é um extraordinário silêncio.

Esse mutismo levou um poeta a dizer:

“País mudo, e imóvel, e morto”.

Não tanto – país vivo; porém, mais mudo quanto mais vivo.

Eis o versículo de um hino ao deus Sol, Amon-Rá:

“Aborrecido a Deus é o ruído. Rezai em silêncio, homens”.

2. O Egito vive na eternidade presente, e não na eternidade futura.

Para o Egito, já não existe o tempo.

A história não pode sondar a Antigüidade egípcia – um abismo que não tem fundo.

As pirâmides são o final de um Egito mais antigo.

Platão não se enganou, quando assegurou que as artes já existiam no Egito desde dez mil anos antes do que entre os gregos.

3. A Humanidade vai das trevas para a luz.

O Egito é inverso; pois, quando mais se retrocede no seu passado, mais intensa é a luz.

“Houve em outro tempo – frente ao estreito que dáis o nome de Colunas de Hércules – uma ilha: uma terra maior que a Líbia e que a Ásia Menor juntas. Chama-se Atlântida”.

È aquela a que se refere o mesmo sacerdote de Saís. Os atlantes eram “filhos dos deuses”.

Diz o Gênesis:

“Os filhos de Deus baixaram às filhas dos homens e tiveram filhos. Havia na Terra, naquele tempo, gigantes”.

E, falou o sacerdote de Saís:

“Quando a natureza divina dos homens foi esgotada, gradualmente, ao mesclar-se com a natureza humana, esta alcançou completa predominância; os homens se perverteram e Zeus determinou castigar a pérfida raça dos homens”.

“E, o eterno, vendo que a malícia dos homens era, sobremaneira, perversa sobre a Terra, sentiu grande aflição em seu coração. Então, disse: Extirparei os homens da face da Terra” (Gênesis).

O deus egípcio Atum sentenciou:

“Destruirei quanto foi criado, submergirei a terra, e tudo tornará a ser água”.

As águas do dilúvio vieram sobre a terra e toda a carne expirou.

“Ocorreram grandes cataclismas e, em um só dia, a Atlântida desapareceu nas profundezas do mar” (Platão, Timeo).

Em outra parte, Platão escreveu:

“Os atlantes estenderam seu domínio até os confins do Egito”

E, segundo Heródoto, houve um caminho que ia desde Tebas até as Colunas de Hercules.

Esta história é a primeira balbúcia da Humanidade.

A origem de nosso mundo está unida ao fim de um outro; e, o vínculo entre o fim e o começo é o Egito.

A luz da Atlântida se acha no fundo da espantosa antiguidade egípcia.

Por isto é que o Egito nos produz a nobre impressão da infinita velhice e da infinita novidade.

O fim da Atlântida (primeiro mundo) é o começo do Egito (segundo mundo); porém, o Apocalipse marca o fim do segundo e o começo do terceiro, porque assim se cumpre o mistério dos Três.

Que o Egito é o único caminho para este mistério é coisa que um dia a Humanidade compreenderá – desde que o Cristo não haja morrido em seu coração (de outro modo, não teria nenhum significado a fuga do Egito).

Logo, devemos fugir do Egito, para compreender e penetrar todos os mistérios, tanto religiosos quanto filosóficos.

4. Na primeira hora da noite, o sacerdote, que lê as orações dos mortos esparge, com água viva do Num (o Nilo Celeste), sobre o corpo de Osíris, faz arder os perfumes, e profere quatro vezes:

“O Céu se une à Terra”.

A grande carpideira (tangendo o saltério), completa:

“Celeste alegria na Terra”.

À sua vez, o sacerdote:

“Deus vem. Glorificai-o”.

Novamente, a grande carpideira clama (tangendo o saltério):

“Celeste alegria na Terra”.

Que quer dizer isto? Lede os Evangelhos!

Os deuses de Homero não passam de seres imortais, pois que vencem a morte e ressuscitam.

No Egito, a cor do luto é azul – cor da morte, cor do Céu.

“Seja minha tumba o palácio do festim” – diz um morto, numa inscrição funerária.

A morte não é, senão, um retorno à infância. Todos os mortos voltam à sua pátria – ao país em que os deuses foram crianças:

“Ali nasceste também tu; ali crescestes e ali, são e salvo, envelhecerás” (Livro dos Mortos).

E, de maneira idêntica:

“Se não vos converteis e não vos fazeis semelhantes às crianças, não entrareis no Reino dos Céus”.

Mas isto está escrito para outros, porque os egípcios, nem sequer, necessitam converter-se para entrar nesse Reino.

5. E a arte egípcia?

Nosso olho, ao contemplar demasiado, deixa de ver; mas, o olho do egípcio é infatigável – quanto mais fita, mais vê; o escaravelho, que faz rolar sua bola; o bucho inflado da serpente real; o Uraeus; o lótus que se abre; as asas estendidas do falcão, que se despregam em seu vôo – estas imagens, que se repetem em toda parte, permanecem eternamente novas.

Uma pintura, que decora as tumbas de Tell-el-Amarna, representa o deus Aton (Disco do Sol), endereça, desde o Céu até a Terra, longos raios, retos e finos, cada um dos quais acaba em minúscula mão infantil.

Estas mãos acariciam o corpo do faraó Akhenaton (Alegria do sol), o da rainha Nefertiti – sua esposa, e os de suas seis filhas; outras, infundindo em seus narizes sopro de vida, sustentam pequeninas cruces rematadas em ansa (anj, ou ank).

Nessas mãos, há raios de calor do Sol, primaveril, doce como as carícias de mãe.

E, não em vão, está o sol, vivificante, representado em sua tumba – reino da morte.

O mistério do Sol é o amor, e o mistério do amor é a ressurreição: aqui é onde reside o sentimento mais profundo do Egito (o da ressurreição).

Nefer, em língua egípcia, significa, exotericamente, alaude, e, esotericamente, beleza (bondade, ou amor).

Em Nefer está o mistério da magia egípcia; porquanto, a eterna, a verdadeira magia, não é senão a vitória alcançada sobre a lei da morte, por outra lei mais poderosa – isto é, pelo amor que ressuscita.

A ressurreição dos mortos começou, realmente, no Egito.

VII

1. Os escultores e os artistas, no Egito, recebem o nome de “seeneck”: os que vivificam, os que ressuscitam.

A arte do Egito antigo é mais que arte; é mais que vida; é a fonte mesma da vida – é a religião verdadeira.

A arte egípcia não buscava a beleza; porém, algo maior; buscava o Reino de Deus (e, encontrou mais, por acréscimo).

2. Todo homem possui o que os egípcios chamam de **ká**: é o “duplo” de Platão, ou o “corpo espiritual” de São Paulo, ou o “corpo astral” de nossos ocultistas.

Enquanto o homem vive, o invisível ká se adere a ele, como uma sombra; quando morre, o ká se vê forçado a desgarrar-se dele, dolorosamente. Erra pelos espaços vazios amargurado; quer voltar a seu corpo; busca-o e não o encontra.

Quando conseguir achá-lo, o homem ressuscitará.

É preciso ajudar o ka, em suas buscas – isso é o que fazemos retratos do morto e as esculturas funerárias.

A semelhança deve ser tão exata quanto possível; porém, com exatidão interior (íntima); deve refletir quando existe de particular no homem, de insubstituível, de único, de pessoal, de eterno (digno de eternidade) – tudo aquilo que deve ser ressuscitado.

Tal semelhança, tal perfume divino, é o que atrai o ka para o corpo físico (como o perfume do mel, encontrado na tumba do vale dos reis, que atrai a vespa, quando penetra no recinto e revoloteia avidamente por cima do vaso).

Não só o homem, mas todas as criaturas, inclusive os objetos inanimados, que recebem uma alma no contato do homem, impregnam-se do perfume da personalidade – todas as criaturas possuem, igualmente, um ká. Devem, pois, ser representadas com a mesma exatidão que a do rosto do homem, para ressuscitar com ele.

Semelhante às flores de uma grande pradaria, atraem o ká (abelha ávida de mel) para a suprema e divina flor da personalidade – eu se abrirá por completo ao Sol da ressurreição.

A arte egípcia tinha o poder de triunfar sobre a morte.

A ressurreição dos mortos é a verdadeira magia; é o Sol que brilha nas trevas das tumbas.

3. Os egípcios foram os primeiros a criar o retrato, a ver e compreender o rosto humano.

A Grande Esfinge, símbolo da ressurreição, é mais velha do que as pirâmides. Em sua face aparece o semblante do homem, revelação de sua personalidade; a ressurreição vai unida à personalidade (o mistério dos Três, ou o mistério do Uno).

Então, o Egito sabia tudo, e sua ciência não estava no futuro, e, sim, no passado.

Os olhos do egípcio Rochedel parecem ter sido arrancados e encaixados ali, na tela do retrato. Ao revê-lo, uma mulher do povo gritou:

“Veja! Veja! Sinto desejo de gritar...”

É uma força diabólica...”

4. Imhopet foi quem erigiu a grande pirâmide de Gizeh.

Nos seus acessos já se encontra a força sobre-humana, que fez surgir da terra o mais gigantesco símbolo da ressurreição.

Champollion disse:

“Não posso descrever, por um de dois motivos: ou porque as palavras não dirão a milésima parte do que há para narrar, ou porque, se faço uma imagem pálida, seria tomado por homem exaltado e por louco.

Só posso imaginar uma coisa – é que aqueles homens construíam como gigantes de cem côvados (4,11m) de altura.”

Filon de Bizâncio, ao falar das pirâmides, concluiu:

“... nelas, os homens subiam para os deuses, e os deuses desciam até os homens”.

Segundo Meyer, trata-se de sonho sobre-humano, que foi realizado uma vez na Terra, e que não se repetirá nunca.

As câmaras interiores, as galerias, os corredores (a despeito de uma pressão de dezenas de milhões de quilogramas) conservam sua regularidade primitiva, ao cabo de sessenta séculos.

Da tumba de Quéops, apesar dos milhares de anos transcorridos, apesar dos tremores de Terra, nem uma pedra se moveu.

Ninguém construiu, nem jamais construirá com mais solidez.

É a mais duradoura das criações humanas.

É a perfeição, não do cristal, mas, sim, do tecido orgânico vivo.

Até os gregos, e à frente deles Heródoto, foram cegos, com respeito à chave da Antigüidade egípcia, quando aquele historiador disse:

“Os reis construtores das pirâmides foram criaturas cruéis, que obrigavam o povo a erigir tumbas inúteis, como testemunhos de sua vaidade insana”.

Pobre Heródoto!

Ele também abocanhou o anzol, e contou, ingenuamente, essa fábula.

Mas, isto não é certo. Aqueles reis não foram cruéis, senão libertadores, que emanciparam seus súditos da escravidão para a ressurreição.

Os cem mil homens, que construíram a pirâmide de Quéops, durante vinte anos, trabalharam com alegria – com sábia demência, em perfeito êxtase de fé e de oração.

O que sobe, com essas orações, não é o gemido das vítimas, senão o clamor vitorioso daqueles que, pela vez primeira, viram como a ponta da pirâmide abriria caminho para o Céu.

Pirâmide não é um acúmulo de pedras; nem sua forma geométrica é tão simples como parece.

A metafísica das pirâmides é mais perfeita. É o complexo simplificado.

Sua forma não foi achada de uma vez, porém muito depois de milhares de buscas.

Seus triângulos perfeitos, alçando-se da Terra, unem-se num só ponto do Céu.

5. Comecei por ser Deus Uno, porém Três Deuses estiveram em Mim – diz o deus Num, em antigo livro egípcio.

Por acaso, os padres do Concílio de Nicéia falaram melhor?

Deus é uno em substância, e Três no Mundo.

Deus e o Mundo (Unidade e Trindade): $1+3 = 4$.

Está na arquitetura das pirâmides a união de quatro triângulos em um só ponto.

Sem embargo, os cegos seguem repetindo sobre um Egito pagão; enquanto as pirâmides seguem indicando aos homens o único caminho para a ressurreição – o do mistério dos Três (da Santíssima Trindade).

6. Conquanto haja os que afirmem que o corpo é matéria inerte; para os egípcios, a matéria morta é um corpo vivo.

O espírito e a matéria são reciprocamente penetráveis, transparentes, translúcidos: a Grande Esfinge está talhada em rocha virgem.

A pedra se transforma em animal, o animal em homem, o homem em Deus.

Disse Spinoza:

“Não sei por que não há de ser a matéria digna da Natureza de Deus”.

Ninguém respondeu e esta dúvida, senão o Egito.

As sombras se adensam até a total obscuridade do Sanctum Sanctorum Sechem, onde habita Deus; há que se fixar na construção dos templos egípcios para comprovar esta verdade.

- “Glória a ti, Deus que habitas as trevas”.

- E a Luz nas trevas resplandece, mas as trevas não A compreenderam “”.

O primeiro parágrafo era a celebração do deus sol (Amom-Rá); e o segundo é o Evangelho de São João.

O próprio Moisés, no monte Sinai, entrou nas trevas em que está Deus.

De quem, senão de seus mestres egípcios, aprendeu ele que Deus habita as trevas?

VIII

1. Por que os egípcios adoram aos animais?

Por que os cristãos adoram ao cordeiro e à pomba?

A palavra silenciosa da Esfinge, que, todavia, ninguém ouviu, é:

“Busca Deus dentro do animal”.

Quis a Humanidade fugir da animalidade do Egito, ao ir com Israel para o deserto da “razão pura”, e continua errando nas areias com os israelitas.

Que são os Querubins de Ezequiel senão os Ápis egípcios, ante o trono do Senhor?

Esquecemo-nos das quatro bestas do Apocalipse que, “nem de dia, nem de noite, conhecem repouso, proclamando a Glória do Senhor”.

Ao esquecer de Deus no animal, olvidamo-nos do próprio Deus.

A alegria celeste da Terra brilha, sempre, no animal, enquanto no homem está morta.

2. Nunca os egípcios adoraram aos animais, com, tampouco, os cristãos não adoraram ao cordeiro e à pomba.

O animal é um de tantos símbolos que servem ao homem.

Na busca do incomensurável, para confundir-se com o Criador, o homem não conhece beleza, nem feiúra, mas, somente, a divina alegria de realizar.

O escaravelho faz rolar sobre a terra sua bolinha de esterco – como o Sol roda, no Céu, sua grande bola de fogo; e, aqui, o inseto humilde é em animal sagrado: deus, Sol, Rá.

Os babuínos chiam e brincam como para glorificar o Sol nascente; e, aqui, oito babuínos passam a ser os oito grandes deuses solares.

O íbis, de compridas patas, percorre os pântanos do Nilo, como se medisse a Terra; e, aqui, o íbis é o deus da medida e da sabedoria: Thot, o Hermes Trimegisto.

Quando o homem vai pelo deserto, o chacal gosta de segui-lo, e, depois de o ultrapassar, detém-se, volta à cabeça para o viajero espera-o, e reinicia sua carreira, como se quisesse guiar através das areias – reino da solidão e da morte. E, aqui, o chacal é trocado pelo deus Anúbis, guia dos mortos (“o que abre os caminhos eternos”).

3. Depois da inundação, as criaturas parecem nascer da lama úmida e cálida do Nilo: a metade do corpo já está formada, a outra ainda está por acabar.

Assim, no Num (rio Nilo), matéria original, nascem os oito deuses de Hermópolis – seres misteriosos, com a cabeça de serpente e de rã, que se arrastam no lodo antigo, como crias animais e divinas do caos.

Que quer dizer essa lenda?

É o mistério supremo da Natureza, mistério da geração, da vida e da morte: é o mistério do que chamamos “evolução criadora”.

Multidão de pequeninas rãs verdes aparece, subitamente, nos desertos mais secos da África Central, após os aguaceiros tormentosos da primavera, e enchem os charcos de um coaxar agudo.

Os nativos supõem que esses animaizinhos (matlomatlo) caem das nuvens, porque, efetivamente, dormem durante a seca invernal, escondidos em cavidades profundas, e,

quando começam as chuvas, saem de seus esconderijos – surgem das tumbas, ressuscitam.

Eis, aqui a grande deusa Heket, ou a enorme rã verde, no santuário de Denderah (no altar das divindades): a parteira que ajuda no segundo nascimento, na ressurreição de Osíris.

Dos primeiros séculos do cristianismo no Egito, chegou-nos uma lâmpada de igreja, em forma de rã, com esta divisão:

“Ego heimi Anastasis” (Eu sou a Ressurreição).

Em verdade, estavam mais cerca do Senhor que nós aquela pessoa simples, que não temia comparar com uma humilde criatura. Aquele que veio para salvar a todos os homens.

4. A mais monstruosa das divindades do Egito é a fêmea do Hipopótamo, erguida sobre suas patas traseiras, com uma estúpida bocarra, exibindo os dentes, com as tetas penduradas e um ventre volumoso de mulher grávida.

Se não nos deixamos assustar, sua terrível máscara cairá e atrás dela veremos o “verdadeiro resplendor” – a dourada, a verde, a que ilumina o Mundo, com sua claridade lunar, misteriosa, virginal; a que, com seus úmidos fogos, nutre as boas sementeiras: é a Mãe dos homens e dos deuses, a Rainha do Céu (Ísis-Háthor).

Veremos o eterno feminino, que baixa a Terra em corpo imortal.

5. Na maravilhosa escultura de Saqqara (essa mesma Isis-Háthor) existe o traçado de uma bezerra de rosto maternal, irradiante de bondade divina.

A face do faraó Psamético, que aparece entre as patas dianteiras da deusa, com expressão tão humana e tão fina, é, contudo, mais grosseira e mais animal.

Não é a mesma face bovina a daquela que, ao inclinar-se por sobre o presépio de Belém (rosto da Mãe Puríssima), sopra no Filho o calor que se mistura ao divino alento, pelo estábulo.

6. A noite, símbolo da terra subterrânea, e também do seio materno, é apropriada para quem pretende interrogar à tumba.

- “Vôo convertido em grande falcão... elevo-me... Chego e sou admitido entre os que são de essência divina”.

Eis aqui o símbolo do Falcão.

7. A flor do lótus, que vive nas lagoas do Egito, nasce debaixo da água, e, por seus próprios esforço, sai à superfície, para abrir seu coração à luz do Sol.

Eis aqui o adepto, que aparece sob a forma dessa flor, significando, com a transformação, que conquistou a paz ditosa (que a planta simboliza), e que recebeu os dons da intuição.

È onde o Céu se une à Terra.

3. No princípio foi o Num o abismo das águas primordiais.
Ainda não havia terra, nem homem, nem deuses.
Por cima do abismo se sobrepunham o Espírito de Deus, Atum – que disse, para Si mesmo:

“Vem para Mim”.

E, o Uno foi Deus; foi criado o Sol-Rá.

Primeiramente, Rá era em Num: o Sol no abismo das águas, como um falcão com os olhos fechados; porém, Rá os abriu, e saiu, e saiu o Sol -apareceu o Mundo:

“Quando Tu viste a Luz, a Luz foi”.

Assim, a criação é a aparição do Mundo a Deus; a visão de Deus:

“O Mundo é o ká, o duplo de Deus”.

O Mundo é o filho de Deus.

Um foi Deus. O Dois transcendente ao Pai

No Deus imanente, o Filho.

E infunde sopro no passarinho no ovo.

Vela sobre o filho do verme,

Nutre o ratinho em seu refúgio

E o mosquito no ar

Glória!Rugem os leões.

Glória!Repete o deserto “““.

Nem mesmo os Salmos, nem mesmo os Profetas, nem sequer, as súplicas cristãs dizem nada melhor...

4. Amon-Rá ,o deus Sol,diz:

“Sou Um feito Dois. Sou Dois feito Quatro. Sou quatro feito Oito;

Porém, Sou Um “““.

Assim se cumpre, no seio mesmo de Deus, seu desdobramento – mistério de Amon; ou ainda, seu despedaçamento, sua crucificação - mistério de Osíris.

É o princípio da diferenciação: o indivíduo deve morrer para que viva.

Os homens vivem pela morte dos deuses, diz Heráclito.

Mas, também, está no Livro dos Mortos:

“O dia de ontem é Osíris; o dia de amanhã é Rá”.

Enfim, o Mundo é Deus refratado, dilacerado, crucificado.

5. Osíris é o único dos deuses ao qual adoram, igualmente, todos os egípcios, conta Herótodo.

Osíris é o Senhor do Céu, o primeiro nascido entre os mortos, o deus morto e ressuscitado.

Osíris (Us-Ri) significa: a força do olho, a força do Sol.

Todavia, este não é o verdadeiro nome (isto é, o tom secreto), senão, unicamente, a voz externa. O sentido hermético não se traduz, uma vez que esta velado pela angústia da busca - pela nostalgia da palavra perdida: nome indizível, que serve como fonte de inspiração para todos o Egito.

Sussurra Herótodo, a imitar os egípcios:

“Indizível é Seu nome. Aquele a quem não me atrevo a pronunciar”.

O Egito não conhece seu Nome. Nós O conhecemos e, no entanto, o Egito está mais perto Dele que nós.

Conhecemos, ao menos seus prodígios:

“Tomou sobre Si nossas enfermidades e afastou nossas dores... Cobriu-se de chagas por nossas iniquidades, e nós nos curamos por seus sofrimentos” (Isaias).

6. Osíris é a grande vítima; e, em cada vítima se cumpre o desenlace: que foi a própria morte de Osíris.

Em cada vítima imolada está o “coração de Osíris”:

“És o Bezerro do sacrifício” - diz o texto egípcio.

A única diferença existe na comparação.

Enquanto os egípcios diziam: “És o Bezerro do sacrifício”; os cristãos dizem: “És o Cordeiro”.

O hieróglifo egípcio que significava “vítima”, representa um homem com as mãos atadas nas costas e um punhal na garganta”.

Mais tarde, foi utilizado outro em que o homem cedeu lugar a um animal, ao qual penduraram uma estampa de argila ou de pedra representando alguém sacrificado.

Finalmente, a vítima se identifica com o próprio Deus. Já não é o homem que se imola, senão Deus que se sacrifica pelo homem.

Deus é a Grande Vítima.

Oh mistério do Amor Divino imolado.

Um dos nomes do Osíris é Bata, que significa “alma do pão”.

Ao comer o pão, os homens a carne de Osíris – comungam em Sua carne.

Assim diz o texto egípcio:

“Tu és Pai e Mãe de todos os homens; por Teu sopro respiram os homens, comem tua carne”.

Ninguém pode chegar a ser Deus sem ser vitimado e imolado – o que quer dizer que todos os deuses são outros tantos Osíris (vítimas sacrificadas)

Todos eles vivem, sofrem e morrem n`Ele.

Este é o verdadeiro monoteísmo do Osíris – Amon.

X

1. Depois de morrer, Osíris ressuscitou, levantou a cabeça, abriu os olhos, e em seu sorriso está a vida eterna – o Sol que nunca se põe.

O cristianismo vê na cruz o signo da morte, enquanto o Egito percebe nela o símbolo da ressurreição.

Sabemos que o Cristo ressuscitou; porém, não sabemos “como”, nem queremos perscrutar esse mistério.

O Egito atrevia-se, e via a aurora da vida começar a apontar na noite da morte.

Quem sabe se a vida não é como a morte, e se a morte não será como a vida?

2. Os egípcios foram os primeiros a ensinar aos homens que sua alma é imortal, conforme Herótodo.

Já Heráclito compreendeu que, entre eles, a ressurreição é completamente distinta da imortalidade.

O Egito buscou, e encontrou na carne, os mistérios da ressurreição.

3. O primeiro localizaram na matéria cósmica.

O Sol que se põe, a Lua que mingua, o Nilo que decresce - são a morte do deus; e sua ressurreição é o Sol nascente, a Lua cheia, a enchente das águas do Nilo.

Por isso o corpo de Osíris é verde, como a luz da Lua. As quatorze partes do seu corpo dilacerado correspondem aos da lua minguante.

Os setenta e dois conspiradores, seus assassinos, equivalem aos dias da seca invernal – quando as águas do Nilo chegam ao seu nível mais baixo, e em que Osíris desce à tumba.

4. O segundo mistério se encontra na matéria orgânica vegetal.

Os egípcios dizem que, Osíris, enterrado na semente plantada, desaparece na terra, volta à vida, e renasce (quando o grão germina).

Segundo o Livro dos Mortos:

“Osíris é o Senhor da vida que reside no grão de trigo”.

Osíris é alma do pão.

Eis porque, semear trigo vale tanto quanto “enterrar Osíris”.

Na festa dos meses, o rei, ao segar a primeira erva, mata Osíris, ao passo que os homens vivem e se nutrem do deus morto – do trigo.

Diz, de si mesmo, um morto, em uma inscrição funerária:

“Sou Osíris, Sou Neptra (o deus do trigo), a quem se sega”.

Na ilha de Fileh, numa das capelas do templo de Ísis, encontram-se figuradas espigas que brotam do corpo de Osíris morto.

Um sacerdote as irriga e, ao lado, se lê a inscrição;

“Eis aqui a imagem d’Aquele a quem não se deve conhecer, dos misteriosos Osíris, surgido das águas que voltam’ (da inundação do rio Nilo)”.

E, em outra imagem, uma tumba, que projeta sombra sobre uma árvore, ostenta a inscrição:

“Osíris brota da semente”.

O mistério do grão que germina é o corpo que ressuscita – tal é o sentido dessas imagens e o símbolo do grão de trigo, que, até então, algumas lojas maçônicas usam, durante a iniciação:

“O que semeia não recobra vida se não morre... O animal é semeado, o corpo espiritual ressuscita” (palavras de São Paulo).

O símbolo não é uma prova, nem a magia é o mesmo que a mecânica. Todas as provas; e, a magia da vida é mais forte que a mecânica morta.

É infável o que se passa no grão que germina. E, pó que o que é possível no grão não haveria de ser no corpo?

Em muitos túmulos se encontrou o “Osíris vegetante”; em muitos quadros a múmia de Osíris está coberta por uma ligeira capa de terra semeada de grãos de trigo e de centeio – grãos que devem ser regados até que germinem.

Diz o Livro dos Mortos:

“Os homens comem Tua carne”.

E, eis o que se lê num papiro mágico:

“Seja este vinho o sangue de Osíris”.

Em Tebas, descobriram-se múmias cristãs. Ao lado do mistério de Osíris são vistos representados o cálice e a espiga – o vinho e o pão da Eucaristia.

Assim, a sombra toca no corpo; a sombra (Osíris) cai aos pés do Senhor.

5. Finalmente, o terceiro mistério da ressurreição é animal.

Já nas fossas ovais ou retangulares das tumbas da VII e da VIII dinastias, os corpos estão deitados sobre o costado esquerdo e dobrados como a criança no ventre da mãe, para que possam nascer-ressuscitar mais facilmente.

XI

1. Nas cerimônias fúnebres do Egito posterior, uma vitima (antílope, gazela, touro ou qualquer outro animal) é degolada e, na pele recém desprendida, deita-se o sacerdote, encolhido como a criança no ventre da mãe.

Essa pele é o ataúde-leito; o lugar do porvir, da metarmofose(Kheper).

Diz o Livro dos Mortos:

“Osíris passou pela pele-berço. O sacramento da pele é o berço”.

Mais tarde, a pele é substituída pela mortalha, cujo uso perdura.

O sacerdote, após ter deitado por debaixo da pele, sai dela, como a criança que deixa o ventre da mãe; é o morto que ressuscita, que nasce.

2. O homem que ressuscita é identificado com Amon-Rá, o deus do Sol levante, que nasce da Bezerra Celeste (Hator).

A morte é um nascer: “um mesmo caminho que leva para cima e para baixo”, escreveu Heráclito.

“Durante esses três anos, em que o tempo já não existia pra ele, Ivan Illitch se debatia dentro de um saco negro, demasiado estreito, empurrado irresistivelmente por uma força invisível... Senti que seu suplício consistia em ser embutido naquele buraco e em não poder chegar à profundidade... De repente, não se sabe que força lhe apertou o peito, oprimiu fortemente ainda sua respiração, fundiu-se no abismo e ali, no fundo, brilhou algo’ (Tolstoi, A morte de Ivan Illitch)”.

Esse agulheiro negro, esse saco, é precisamente o shed-shed egípcio, a vulva transcendente, a que são empurrados os que nascem e os que morrem.

Entra-se e sai-se pela mesma porta:

“... um só caminho leva para cima e para baixo”.

“Sou ontem e amanhã. Estou grávida. Sou o que nasce de novo” (Livro dos Mortos”).

O filho de Osíris, Hórus, ressuscita a seu pai: engedra-o.

A morte é o nascimento inverso.

“Há entre nós tudo o que entre vós se encontra; porem, desorientado, volto ao reverso, avistado como um espelho”.

O homem, na morte, acende sua luz por si mesmo.

Eis porque no fundo do agulheiro “brilha algo” - a luz da ressurreição.

3. Os três mistérios da carne que ressuscita (animal, vegetal, cósmica) se unem em um só.

A eles se referem todos os ritos e toda a religião do Egito.

Todos os dias, em todos os tempos, o rei (Hórus encarnado, filho de Osíris), ou o sacerdote, seu vigário, celebra um só e mesmo ofício: a ressurreição dos homens e dos deuses - porque todos os deuses e todos os homens são ‘Osíris mortos’”.

4. Não só Deus ajuda à ressurreição do homem, senão que o homem ajuda a Deus.

O homem e Deus são complementares.

Uma troca perpétua de força ressuscitante se produz entre eles, semelhante a uma corrente de chispas interrompidas entre dois pólos elétricos.

Homens e deuses respiram o mesmo ar: os deuses expiram e os homens aspiram.

O rei ressuscita aos deuses: dá seu ilimitado poder.

Como, no Egito, a veneração dos deuses pelos homens era idêntica à dos pais mortos, o rei passa a ser filho de todos os deuses-pais: o Filho por excelência, a encarnação do Filho de Deus – enquanto é princípio imanente do Mundo: e, esse princípio, chega a ser o fundamento da teocracia.

5. Todo o Egito está construído como uma pirâmide, e seu ponto culminante é o Rei-Deus.

Que é, em última instância, o rei do Egito: o Homem-Deus, ou Deus-Homem?

Nem um nem outro. O Egito não soube distinguir esses dois princípios.

O Rei-Deus é o ponto supremo, a cúspide da pirâmide. Toda esta se lança para esse ponto, e tal sorte que o último dos escravos participa com o rei ressurreição.

Cada morto recebe seu pedaço de terra nos campos de Ialu, no “segundo Egito”, perfeitamente semelhante ao primeiro.

6. Os sacerdotes de Mênfis aludem à lenda de um mendigo que, depois de sua morte, esteve na ceia de Osíris, vestido de linho branco, sentado à direita do deus Thot, “o que mede” quem não havia recebido no Mundo sua parte justa.

Eis porque os pobres preparam bonequinhas-múmias de madeira, inscrevem seus nomes nelas, e encerram-nas em féretros e as enterram nas areias, à entrada das grandes pirâmides – sob o fato de que os humildes participam com os grandes na ressurreição.

Herótodo descreve a festa das lâmpadas de Saís .

Em memória dos mortos, no dia dezessete do mês Atyr, durante a noite da ressurreição de Osíris, incendiam-se em todo o Egito, de Saís até Elephantina, inumeráveis lâmpadas

no interior e em torno das casas, acrescentando sal ao azeite, para que a chama fosse mais igual e mais visível.

As incontáveis estrelas do Céu respondiam aos fogos da Terra, e havia em cada chama de um morto.

Assim, nessa Noite Santa, todos os vivos se uniam aos mortos.

6. O homem não pode ressuscitar sozinho: não ressuscita senão com toda a Humanidade, com todo o Universo –já que, segundo São Paulo:

“Toda criatura sofre e geme, até hoje, a aguardar esperançosamente a revelação dos filhos de Deus”.

Com o homem, todas as criaturas que gemem (animais, plantas, Céu, astros) se abrem, através da morte, no caminho para a ressurreição.

“Todas as bestas dos campos e todas as aves do céu haviam-se juntado na morada do Senhor; e, o Senhor se alegrava de que todas fossem boas e de que tivessem tornado à Sua morada” (Enoch, 90,33).

“A Glória do Senhor aparecerá, e toda a carne verá a salvação de Deus” (Isaias).

Toda carne. Não só humana; mas, também, cósmica-vegetal-animal.

Eis porque os egípcios “vivem com os animais”.

Com eles vivem, morrem e ressuscitam.

XII

1. Como expressar coisas sagradas com nossas palavras, se, de novo, “a língua ao paladar e o papel arde, se reduz em cinza...?”.

Em Abidos, no templo do faraó Seti I, sobre o sarcófago de basalto negro de Osíris, e na capela secreta do grande santuário de Denderah repete-se a mesma imagem: no leito mortuário está deitada, envolta no sudário, a múmia que ressuscita com o falo ereto.

A deusa Ísis, em forma de falcão, com as asas abertas, desce sobre o morto para juntar-se com ele.

“O rosto de Ísis irradia. Volteando-se com suas asas lamenta sobre seu irmão e marido. Ergue o membro daquele cujo coração deixou de fremir e extrai a semente do morto”.

A irmã se junta com o irmão, à mãe com o filho, o animal com o cadáver; que cúmulo de horrores e de abominações no mesmo Sanctum Sanctorum – no próprio coração do Egito!

Verdade é que ninguém se pergunta, como foi possível que a mais profunda, a mais celeste flor da terra – o Egito – tenha brotado sob essa forma de horror...

Assim se lamentava Ísis, sobre o corpo de Osíris morto:

“Vem à tua morada, vem à morada, oh Amado!”.

O primeiro nascido entre os mortos.

Não se embriagaram nossos corações, todos,

De amor a ti, Ser Bom, triunfante?

Os homens e os deuses estendem seus braços para ti,

Seguindo-te como a criança busca a mãe.

Vem a nós... Vem à tua mansão!

Quero te receber, tornar a ver-te.
Vem à tua irmã, à tua esposa.
Oh tu, cujo coração não cessa de pulsar!
A ti se volta o rosto dos deuses e dos homens.
Tudo em mim chora.
Quando te vi soluzei.
E minha voz se elevou até o Céu,
Porém tu não ouviste.
Sou tua irmã. A que te amou na Terra.
Ninguém, mais que eu, te amou. Vem!”“.
Então, o Cantar dos Cantares solta seu eco:
“Busquei e não achei...”.
Prendeste meu coração, oh Sulamita,
Com um só relance de teus olhos.
Oh noiva, oh minha irmã,
Ligaste-me a teu coração.
Impregna meu sinal em teu coração.
Põe uma aliança em teu dedo,
Pois que o amor é forte como a morte “!”.
Faz dois mil anos que a Igreja entoava esse cântico de amor triunfal e não o escutam, não o compreendem os ímpios e os libertinos.
Em verdade, há que ter sangue de morto nas veias para não perceber a imensidade desse amor:
“Ninguém mais que eu te amou...”.
‘Que o amor é forte como a morte’.
Eis a união através da morte – a ressurreição.

2. O primeiro Osíris, destroçado, é a sombra do Crucificado; o segundo, restaurado, é a sombra do Ressuscitado; o terceiro, a quem não nos atrevemos a nomear, nem a contemplar, é à sombra de quem?
O Apocalipse está ligado ao Gênesis, mais que ao Evangelho, pelos ramos da Árvore da Vida, “cujas folhas saram os pobres”, curam todas as chagas.
O Evangelho sabe dos “eunucos”, que a si mesmos se castraram, por causa do Reino dos Céus: e, o Apocalipse fala da ‘mulher grávida vestida de Sol’.
No Evangelho o esposo aparece sem parceira, e no Apocalipse verifica-se o mistério nupcial do Cordeiro:
“E o Espírito e a Esposa dizem: vem! Vem à tua amada, à tua irmã” Impregna meu sinal em teu coração “““.
Essas palavras da Esposa foram escritas por todo o Testamento do Pai, desde o Egito até Israel.
Mas, enquanto não forem escutadas as do Testamento do Filho, que vão do Evangelho ao Apocalipse, o caminho começado, desde o mistério do Três, através do Dois, não terá terminado.
Daí o declínio do Egito.

“Assim disse o Eterno: o Egito será desolado entre as terras habitadas, suas cidades estarão desertas, e se reconhecerá que sou o Senhor”.

A profecia cumpriu-se.

A devastação passa uma vez por outras terras; no entanto, pelo Egito permanece.

A morte sopra uma vez por outros povos; e, no Egito não tem fim.

3. Quando o Sol Vermelho se põe sobre o vale de Tebas, inundado pelo Nilo, refletem-se na água, entre os colossos de Mêmnon, gigantescos faraós de barro, que cruzam as mãos sobre os joelhos, com solene calma.

Não raro, ao longe, no umbral dos ermos arenosos, distancia-se, como nos tempos de Abraão, uma caravana de camelos.

Não obstante, quando a água se retira, ficam semeadas altas ervas por sobre os colossos do vale (batidos, como num campo de batalha).

Todo o Egito é esse campo de batalha.

“Em Biban-El Moluk, no Vale dos Reis, encontram-se disseminadas inumeráveis múmias, profanadas, desnudas, destroçadas. Os viajantes pisoteiam despojos de corpos embalsamados e envoltos sob os tecidos que, em outros tempos, estiveram impregnados de preciosas essências”.

“Meus beduínos apartavam, com suas lanças, cadáveres milenares” (Viagem ao Egito, Norov).

Todo o Egito é esse cadáver profanado.

Assim rezava a inscrição de um colosso de Mêmnon derrubado:

“Eu sou Osimandia, o rei dos reis. Quem queira ser tão grande quanto eu, contemple o lugar em que descanso, e supere minhas criações”.

No entanto, nada ficou da grandeza do rei Osimandias; nem, sequer, seu verdadeiro nome.

Jamais esquecerei as duas sombras imensas dos colossos de Mêmnon, deitadas para o poente, rumo à cadeia de montanhas líbias, sobre o vale das ruínas, onde seu faraó foi enterrado.

Os milênios de glória do Egito não são mais que essas sombras vertidas pelo Sol poente.

4. Oh Egito!

De tua religião não ficaram senão alguns contos, palavras gravadas em pedras que lembram tua desaparecida piedade.

Tempo virá em que teus filhos se dirão quanto em vão serviram aos deuses, com tanto fervor e zelo, porque estes retornaram ao Céu, e os homens pereceram na Terra.

Choras, Asclépio?

Pois, estarão para vir males ainda maiores!

Terra Santa, em outro tempo, o Egito chegará a ser exemplo de impiedade.

Cheio de repugnância para com as coisas, o homem já não terá veneração, nem amor, para o Mundo.

Virá a senectude... e, então, o Mundo será consumido pelo fogo:

“Ver-se-ão os Céus com fragor; os elementos serão destruídos a Terra e quantas coisas existirem nela se desvanecerão no fogo”.

Pasma-se Lactâncio, padre da Igreja Romana, referindo-se àquela profecia do Trimegisto;

“Não sei como pode ter Hermes pressentido quase toda a verdade de nossa santa fé”.
O fim do Egito, segundo Hermes, será o fim do Mundo.

5. Se a raiz é o Egito e a árvore é a Humanidade, a raiz não será arrancada senão com a árvore.

E, se o Testamento do Pai, do Egito a Israel, foi origem e princípio do Mundo, este princípio subsistira até o fim.

O Egito não só foi, nos séculos de outrora, mas haverá de ser, igualmente, na eternidade.

O eterno Egito não esta por trás, porém, sim, adiante.

Todo o movimento, todo o “progresso” não passa de ilusão.

A crença é de que se avança, porém o que faz é retroceder, e, assim, decair na antropofagia.

Osíris, deus da paz, tinha suprimido a antropofagia.

Nosso mundo começou no Egito; mas, que glorioso início, e que miserável fim!

Nosso progresso não é senão mentira.

7. Em comparação com o antigo Egito, somos selvagens e pobres.

Apesar de nossa miséria, poderíamos ter encontrado o progresso não ilusório.

Se caímos, poderíamos levantar-nos; poderíamos salvar-nos, pelo ponto de partida, desde o Egito, que é a luta entre os princípios inconciliáveis do bem e do mal – entre Set e Osíris.

Porém, na realidade, isto não aconteceu.

O Egito sabe quem é Osíris, mas ignora quem é Set. Isto é o que não sabe o Egito, ou não quer saber – porque não escolhe entre a afirmação e a negação, entre Deus e Satan. Em sua vontade religiosa há um dualismo insolúvel, porque o Egito está dividido entre o Alto e o Baixo, entre o do Norte e o do Sul, o vermelho e o branco, a terra de Set e a terra de Osíris – ou de Hórus, já que este é o Pai Ressuscitado.

Depois do duelo de Set e de Hórus, o pai (ou o deus do território) repartiu, entre ambos, o Egito: “Assim se reconciliaram, passaram a ser irmãos, e não voltaram a disputar”.

Eis porque o centro do Egito, o santuário de Ptah (sumo deus de Mênfis), recebe o nome de Balança das Duas Terras. Em um dos pratos dessa balança está o Alto Egito, reino de Hórus; e, no outro, o Baixo Egito, fica o reino de Set - então, o equilíbrio é a inamobilidade eterna:

“Reconciliai-vos, filhos da deusa Ísis; pois mais vale isso que vos destroçardes mutuamente. Em verdade, o deus Thot (deus da medida) secará vossas lágrimas”.

Na frente do rei unem-se duas coroas - uma branca, vermelha a outra; a de Hórus e a de Set: o nome de cada rei é Set- Neb (Set perfeito) e Hor-Neb (Hórus perfeito)

Essa dualidade existe não somente neste nosso mundo, mas, também, no outro.

Hórus e Set tocam as duas mãos do morto e levam-no para o Céu. Set não é terrível senão com os débeis; porque, quando o morto luta e vence, reconcilia-se com ele.

Para nós, esse duplo deus, Osíris-Set (Hórus-Set), é o mais inconcebível de todos: é o Deus-Satan.

XIII

1. Na “Terrível Vingança”, um dos contos mais mágicos de Gogol, um velho bruxo está enamorado de sua própria filha, Catarina; ‘Horror, horror!’, repete Gogol; porém, nem ele mesmo se dá conta do que ocorre”. Está seduzido pelos milagres da radiação como se, confusamente, pressentisse o sobrenatural no “anti-natural”.

Sob essas mesmas seduções, parece estar consumido por queimaduras dos raios obscuros.

O bruxo, enamorado pela sua filha, é um ser satânico.

Entretanto, segundo Weininger, as crianças mais inocentes experimentam, em seus sonhos, atração sexual pelo pai ou pela mãe.

Na natureza mesma do sexo, tropeçamos com o que é anti-natural e o que é sobrenatural.

Alguém passou deixando nas trevas seu rastro luminoso; veio do além, da eternidade do tempo, e seu vestígio é a lei da procriação; foi-se para longe, do tempo ao infundo, e na sua semente está o “crime sexual” sagrado.

O incesto de Édipo é uma tragédia sem saída; um enigma indecifrável vindo do Egito para Grécia.

O sentido dos incestos divinos perdeu-se: a tragédia é o mistério incompreendido.

2. O sexo parece lutar com a Natureza para lhe abolir as leis.

Como lutar com a Natureza, se suas leis empíricas são o nascimento e a morte; e, sua vontade transcendente é a ressurreição, a vida eterna?

Os filhos se apartam da nudez de seu pai seguindo o curso natural do sexo, no tempo, já que essa é a lei universal da vida: tudo é arrastado ao fio do tempo:

“Os dois filhos de Noé, Sem e Jafet, levando o manto em suas mãos, e cobrindo-se os olhos, iam caminhando para trás, na direção de seu pai, com o fim de cobrir-lhe o corpo desnudo”.

Só no incesto se vêem debaixo dessa lei: o que nasceu se volve para aquele que lhe fez nascer; engendra de onde foi engendrado; faz retroceder o tempo, obrigando a que o rio remonte sobre seu curso.

3. No corpo mesmo do homem se produz uma espécie de torção transcendental – a transposição do tempo.

Esse é o horror do incesto; mas, também, a sua sedução.

A lei do tempo, a lei do sexo, é o nascimento e a morte.

No mais monstruoso dos crimes sexuais, no incesto, o homem se sobrepõe contra a lei – não quer morrer, não quer nascer.

Se a corrente do sexo leva tudo para morte, há que obrigar essa corrente a que retroceda.

Perseguido pelo último inimigo, pela morte, o homem foge; todavia, de repente, ele se detém, reanima-se para combater, cara a cara, e acaso para triunfar.

Por si só, o homem não poderia fazê-lo, mas os deuses, no incesto sagrado, fazem por ele; então, o homem imita os deuses.

Verdade é que o Egito não tinha consciência deste fato, nem falava disso.

Tudo estava obscuro e mudo a esse respeito.

Não obstante, o mais surpreendente é que quando não via, a mão, tateando nas trevas, haja tocado e achado.

Devemos acrescentar que o enigma da Esfinge está decifrado; que a lei dos incestos sagrados está anulada para nós por Aquele que disse: "Eu e meu Pai somos Um só".

4. E, eis aqui, por último, a suprema, a mais profunda queimadura dos raios obscuros: o amor sexual dos vivos voltado para os mortos.

Também sabia disto Gogol.

Uma formosa bruxa cavalgava, em galope frenético, um jovem estudante, Tomas Brutus. Contudo, este, dizendo uma oração, livra-se da bruxa, monta sobre ela e, depois de havê-la feito galopar até que morra, enamora-se loucamente por ela.

"Acercando-se do ataúde, contemplou timidamente o rosto da morta, estremeceu e tornou a cerrar os olhos... Oh terrível, segadora formosura!... Nada, naquele semblante, se mostrava acabado morto; estava vivo como a própria vida".

A vida ou o sexo através da morte: tal é a sedução desse horror.

Aqui, em realidade, é onde se abre um abismo nas montanhas da Terra; onde através de estreita nesga, distinguimos outro Céu de astros desconhecidos (um paraíso ornado por lírios, que não são de nossos vales).

'Quanto às mulheres de condição, quando morre, não são entregues nas próximas horas aos embalsamadores – especialmente aquelas que alcançaram fama por sua formosura, senão ao cabo de três ou quatro dias – depois de iniciada sua decomposição. Tomava-se esta precaução pelo temor de que os embalsamadores abusassem dos corpos que se lhes confiam', refere Herótoto.

Nada escandaliza Herótoto o horror que expõe com grosseria moral.

Tampouco nós, cristãos, nada compreendemos, se toleramos a prostituição – que não passa de ajuntamento com cadáveres vivos.

Dante, provavelmente, ao dar um beijo supremo em Beatriz, deitada no ataúde, talvez tenha compreendido melhor que nós.

5. Os vivos só amam com verdadeiro amor aos mortos.

Somente na separação sepulcral o amante compreende que o amor conduz a ressurreição.

"Os filhos da ressurreição não se casam, porque são semelhantes aos anjos".

Que é o amor, senão o mais celeste dos sentimentos terrenos É o sono de um anjo que, dormindo na Terra, sonha com o Céu.

Eis porque os 'filhos da ressurreição "são, eles próprio, com os 'filhos da Mansão Nupcial", segundo o Evangelho.

O sexo decaído é transfigurado no sexo sagrado.

Toda a questão está nisso.

1. "Os dois não serão senão uma só carne".

Sê-lo-ão, mas não no amor procriador, mortal – já que tudo que nasce, morre.

Em verdade, só o serão no amor imortal, ressuscitante.

O filho se aparta do sexo paterno.

Para o filho, o sexo é o mais invisível, o mais misterioso, que há no pai.

E, também para nós, que vivemos sob o Testamento do Filho, o sexo é inconcebível ao Pai.

Falando da filha de Israel, diz o Senhor:

"Ao passar por teu lado, vi-te deitada na terra, banhada em teu próprio sangue... E crescestes, chegaste à perfeita beleza; teus peitos se ergueram, teus cabelos cresceram, e foi para ti tempo de amor. E, estendi minha mão sobre ti, e cobri tua nudez... E foste minha".

Nossos olhos lêem, porém não vêem.

Esse é o sentido das palavras de Séfora:

"... sois, para mim, o prometido sangue pela circuncisão".

É a união nupcial de Deus com Israel.

Deus é o esposo, Israel é a esposa.

Através do sexo masculino, empírico, circuncidado (circuncisão-castração atenuada), aparece o sexo transcendente ou feminino; já que segundo Weininger, todo Israel é o feminino absoluto.

E, o "fogo devorador", Iahveh, não é senão o fogo da ânsia sexual.

"Hás fornicado...; formando imagens viris te hás prostituído...; te hás oferecido aos viandantes dos caminhos...; pôrem hei de juntar a todos os que te amaram e lhes descobrirei a nudez, e verão tua vergonha... E, te abandonarei a meu furor sangrento" (Ezeq, XVI, 17,38).

Também aqui nossos olhos lêem, mas não vêem; e, se enxergam algo, fugimos espantados.

Não podia ser de outra maneira; para os que estão submersos no empírico, o transcendente é espantoso e é repugnante.

2. Basta comparar aquelas palavras com as imagens dos sarcófagos e dos santuários egípcios para compreender que o Deus do Egito (Amon-Rá-Osiris) é o Deus de Israel (Iahveh-Elohim): são o mesmo único Deus itifálico, porquanto a religião é a de todo o Testamento do Pai.

Que é, então, em última instância, essa religião do sexo? Qual é seu sentido, ou seu fim?

O Egito está sob o signo do sexo sagrado; nós estamos sob o estigma do sexo maldito. Ou, dito de outra maneira, o sentido (o fim) do Egito é a paz, a vida eterna, a ressurreição dos mortos; e, nosso fim, nosso sentido, é a morte, o crime, a guerra eterna. "Ressuscita", é a voz de mando do Egito.

A nossa é "mata"

3. Se queremos voltar-nos da guerra para a paz, temos que recordar do Testamento do Pai, do sexo sagrado.

Osíris em egípcio é Usiri; e, Ísis é Usirit.

Uma só palavra com duas terminações – masculina e feminina: Ele e ela, resumidos no Andrógino (homem-mulher).

O escaravelho sagrado do Sol é, também, Ele e Ela – macho e fêmea.

Seu nome, Kreper, significa “devenir” (tornar a ser; regenerar-se espontaneamente; nascer sem pai, nem mãe). Ele é seu próprio pai e sua própria mãe: junta-se consigo mesmo, deposita o gérmen no solo, mistura-o com a terra, dá-lhe a forma de ovo (de uma esfera), fá-lo rodar como o Sol – de oriente para ocidente (até que o deposite em uma pequena cavidade, que antes perfurou no solo).

O escaravelho senil morre, o recém-nascido sai do ovo – como a alma da múmia; e, alça vôo, alado, para o caminho do Sol. Esse vôo é o êxtase do amor perfeito.

No “Conto dos Dois Irmãos”, o mais antigo do mundo: Bata-Osíris, tentado pela mulher de seu irmão Anupe-Set, faz-se eunuco. Então, Bata diz à sua mulher; “Sou mulher como tu”.

“Há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do Reino dos Céus” (Mateus, XIX, 12).

Parece que Bata conheceria essas palavras de Jesus.

Porém, Bata-Osíris que se fez eunuco e o Osíris itifálico são um só e mesmo deus.

Essa castração virtual é o falismo verdadeiro, conquanto inverso, mudando a orientação de seu eixo: o sexo empírico desaparece, o sexo transcendente surge.

A castração “por causa do Reino dos Céus” é o sexo mais ardente e, ao mesmo tempo, é o anti-sexo.

Eros em Anternos: não a ausência do sexo, senão a plenitude – a taça cheia do amor perfeito, erguida para Deus.

4. Segundo a biologia moderna, no mundo humano, como nos reinos animal e vegetal, não há indivíduos de um só sexo: todos são intermediários entre os dois pólos - o masculino e o feminino.

Em cada homem se esconde uma mulher, e em cada mulher, um homem.

A graça suprema é a doçura feminina, como na mulher é a têmpera viril.

O sexo transcendente é o pólo oposto ao do sexo empírico.

Por isso, pelo fato de que, no Egito, todos mortos fossem como Osíris, agregava-se á múmia feminina rala barba com estreita e comprida barbicha trançada.

Com essa mesma barbicha de Osíris, e em trajes masculinos, aparece representada, após seu advento no trono, a rainha Hatscepsut, regente do futuro do faraó Tutmés III, verdadeira Vênus Barbada.

E, por igual motivo, no corpo do deus Osíris mutilado, Isis substitui o desaparecido falo com a imagem sagrada – com seu próprio falo transcendente.

Isto não parece ridículo, absurdo?

Pode ser que sim, mas para quantos se acham submergidos no empírico, tudo o que é transcendente não passa de absurdo.

Nisso o eco de Israel ressoa com o do Egito.

“Deus (ELOHIM) criou o homem (Deus em Uno); assim, também, no ADÃO-EVA, porque o próprio Deus é dois: Ele e Ela (homem-mulher)”.

O Talmud explica o Gênesis:

“O homem e a mulher, no princípio, foram um só corpo e dois rostos (pólos); porém, logo, o Senhor os partiu em dois, e deu a cada metade espinha dorsal”.

Da mesma maneira, exatamente assim, o deus Zeus, no mito de Platão, divide os Andróginos, “como quem corta um ovo ao meio, para temperá-lo com sal”.

O mistério do Uno no mistério do Dois é a personalidade do sexo: e a personalidade é o equinócio dos sexos.

“Viver em dualidade sexual é caminhar pelo roteiro da morte”.

O sexo é a metade masculina, ou feminina, do indivíduo; é a voz da morte.

Aquele que prova dessa raiz provará, por igual, de seus frutos.

5. Somente uma personalidade integral pode vir a ser imortal.

A raiz da morte é cisão sexual da personalidade em duas metades.

Pela fenda por onde passou o gume que repartiu o ovo entra a morte.

Vencer a morte, ressuscitar, é estabelecer a personalidade integral; curar a ferida do sexo.

A personalidade integral é fechada, selada a chave pela morte, como a esfera, como a bola do escaravelho e a do Andrógino, no mito de Platão.

O amor sexual é o caminho inacabado, e inacabável para a ressurreição.

Em vão, as duas metades, separadas, aspiram ao todo. Unem-se e se separam; querem ressuscitar e não podem; nascem e morrem sempre.

A voluptuosidade do amor é o pregosto da ressurreição da carne; misto de amargura mortal, de repugnância, de vergonha e de temor.

Esta contradição é a coisa mais estranha e mais transcendente que há no sexo – sumo deleite, e dor; sumo amor, e morte.

O primeiro homem imortal, antes de sua queda, era homem-mulher (ADÃO-EVA); e o derradeiro (o Ressuscitado) será, também, homem-mulher.

‘Olhai-o. É o rosto mais formoso da terra, rosto de celeste doçura. Sob seus rasgos mais viris transparece uma graça feminina virginal. Há nele a perfeição, a plenitude do Homem, esfera perfeita, que não podia ocorrer no unicamente feminino’.

Assim deve ser com aquele que triunfe da morte, na morte – do sexo, no sexo.

São Clemente de Alexandria nos conservou umas palavras do Senhor não recolhidas nos Evangelhos:

“Como Salomé lhe perguntasse: Quando chegará Teu Reinado?”.

Jesus respondeu: Quando dois sejam um, e o masculino seja feminino, e não haja homem nem mulher “(Strom. III 13,92)”.

6. Alegria inesperada, desconhecida sapiência, parte invisível do espectro solar – luz ultravioleta, raios escuros: o sexo é o raio, a fonte dos raios, o Sol noturno no corpo do ser humano e no Universo.

O raio abrasa, corrói, fere; mas, também, cura, vivifica, ressuscita. Retire-se do Mundo esse Sol noturno e o Sol do dia se extinguirá igualmente.

Uma das queimaduras do raio sexual divino é o androginismo divino.

“Minha irmã, esposa minha” – a esposa é a parte fraterna do esposo. Nisso está a mais pura linguagem do Egito.

7.

Os faraós são “FILHOS DO DEUS SOL”, e só os filhos nascidos de reuniões incestuosas, sagradas, conservam em suas veias a pureza do sangue – tem direito a herdar a coroa real”.

O deus Sol (Rá) nasce todas as manhãs da deusa do Céu (Nuit), e em cada meio-dia concebe, por meio dela, como seu esposo, um novo raio da aurora: Sol-Rá, aquele que fecunda sua Mãe.

Ísis é irmã, esposa e mãe de Osíris – este nasce dela e ressuscita no outro mundo.

“Toma em tua boca o peito de Ísis, tua irmã, e chupa com teus lábios o leite de tua mãe” (inscrição na pirâmide de Unas).

Não se trata de simples números, porém, sim, de logaritmos de perversões sexuais - toda uma escalada de incestos.

E, eis aqui seu limite metafísico:

“Tu, escaravelho de asas abertas, nasces como filho de Ti mesmo” (foi dito ao deus primordial, Atum-Rá: o Homem-Mulher).

Assim, a cadeia ascendente dos incestos conduz à bissexualidade divina, à personalidade perfeita.

Quando dois sejam um, e o masculino seja feminino; quando já não haja homem nem mulher, virá o Reino dos Céus.

XV

1. “E o Senhor chamou Adão, e lhe disse: Onde estás? E, ele respondeu: Ouvi Tua Voz no Jardim e senti temor, porque me achava nu”.

Eis, pois, de que profunda fonte procede o temor da nudez – temor subjetivo do sexo: o pudor.

“Os dois não serão senão uma só carne” foi dito antes do pecado original; mas, quando o homem caiu no pecado, o véu do pudor caiu, também, sobre ele, e não será levantado até o dia em que o homem “veja um novo Céu e uma nova Terra”.

Segundo a doutrina de Pitágoras, há Terra e anti-Terra.

Semelhante, há sexo e anti-sexo.

São os dois pólos de mesma força: a atração e a repulsão sexuais (o Eros e o Anteros).

A relação contida nos dois Testamentos, quanto a esses dois pólos, é inversa, de um para o outro.

No Testamento do Pai é o sexo que está em Deus; no Testamento do Filho é o anti-sexo.

O primeiro olha para trás, para inocência do Paraíso, para a nudez do homem antes de sua caída; o segundo volta-se para a frente, para a redenção, para a sabedoria, para “as túnicas alvejadas no sangue do Cordeiro”.

E, pode-se dizer que o essencial em ambos os Testamentos, no que tange ao mistério do Dois, é a luta eterna do sexo contra o antisexo – Eros contra Anteros.

2. Jesus bendisse o matrimônio; o mistério da Igreja é a união conjugal de Cristo – o despojado da Igreja, sua esposa.

Mas, para nós, tudo isso tem sido álgebra sem aritmética – abstração irrealizável.

Não cabe apresentar-se o Cristo de outro modo, que seja fora do matrimônio.

O mesmo pensamento do sexo físico no corpo de Jesus, quando se leva até seu ponto extremo, é um sacrilégio inimaginável. A repulsão sexual, a força do anti-sexo, chega aqui à sua culminância.

O Filho do Homem foi engendrado, porém não engendra.

Para imaginar-se que Jesus pudesse engendrar há que perder a razão, ou jogar no lixo o Evangelho.

Ainda quando o sexo e o Evangelho, como duas linhas paralelas, encontram-se no infinito, não podemos figurar esse encontro.

É possível a santidade no sexo? A união do amor sexual com o sentimento religioso?

Não, responde toda a experiência da santidade do Filho.

Sim, responde toda a experiência da Santidade do Pai.

Esta contradição significa que os dois Testamentos não se encontram mais que no ponto inerte do dogma, na estática, portanto se separam na revelação, na vontade motriz, na dinâmica.

3. Ao padre ortodoxo Ustinsky, com o dogma “No ato sexual devo manter-me ante Deus”, responde, na santidade, São Gregório (o teólogo):

“A união carnal é obra tenebrosa da escravidão e da paixão. Aquele que se ajunta não faz senão ceder às exigências impudicas da carne”.

Diz a Igreja, quando reza pela purificação das parturientes:

“Senhor, todos somos impuros ante Vós”.

Tal é a mancha do sexo, pelo que o parto vai acompanhado de uma espécie de comunhão temporal da recém partejada.

Bendito metafisicamente, o matrimônio é maldito fisicamente.

O ato sexual praticado na própria igreja seria uma profanação inconcebível.

Na experiência de santidade religiosa, o judeu Otto Weininger, convertido ao cristianismo, está de acordo com São Gregório, o teólogo:

“Tudo o que se chama amor, salvo o platônico, é simplesmente uma sujeira. O ajuntamento sexual é um ato infame, ainda que venhamos a elevá-lo na altura do mais sagrado mistério”.

Um teólogo protestante, com precisão ingênua, faz observar:

“O ato sexual põe entre a alma do homem e Deus uma distancia incomensurável”.

Assim, as palavras do Pai do Filho: “Os dois não serão mais que uma só carne” estão completamente esquecidas.

Em verdade, o sexo é vencido pelo anti-sexo, o Eros pelo Anteros.

Diz Santo Agostinho, falando dos mistérios pagãos:

“Durante os dias e que se celebravam as festas do deus livre (Baco), a imagem do falo era colocada em carros e circulava por toda a cidade com grandes honras”.

E, Weininger está de acordo com Santo Agostinho:

“O falo se nos aparece como coisa ignóbil, até o último grau”.

Precisamente por isso que se representa sempre como em certa relação com Satan.

O centro do Inferno de Dante (centro da Terra) está ocupado pelas partes sexuais de Lúcifer ““““.

Isto quer dizer que o sexo foi incrustado por Satan no corpo do homem criado por Deus. E, desta maneira, em conformidade com os teólogos, a estática do Antigo Testamento é contestada pela dinâmica do Novo – o Filho está contra o Pai.

4. Segundo a doutrina secreta dos órficos, ”o umbigo da Terra”, o centro do Mundo é o ônfalo de Delfos – o falo funerário erigido sobre a tumba do deus Dionísio Dagreo, dilacerado e enterrado.

Porem, para os cristãos, o falo é o centro do inferno.

Assim que se confundem a Terra e o Céu.

Na dinâmica cristã, o sexo e o anti-sexo combatem, primeiramente, um contar o outro, e, depois, se aniquilam.

Então, surge o nada do sexo em religião – o ateísmo sexual, que é, talvez, a fonte de todos os demais ateísmos individuais e sociais.

5. Até agora, o objeto de todas as religiões foi obrigar o homem a volver à sua inocência, em vez em vez de ensinar-lhe o verdadeiro saber.

Diz Rosanov:

“O espírito já não esta aqui, e o cadáver do sexo o contamina todo com sua podridão,... pergunto-me se não poder-se-ia mandar ao diabo toda essa civilização, já que sem dúvida, ela vem dele”.

Não, não do diabo. Nem só do diabo, nem só dos homens. Aqui é onde as forças celestes se desbaratam, porque o eixo do Mundo muda de posição – o sol volta do verão para o inverno, como está predito:

“Ao final, o amor se esfriará”.

O amor esfriou-se e a Terra gelou. É a noite polar , o período glacial do sexo.

O Sol do Testamento do Pai é o sexo circuncidado, bendito, timbrado com o selo divino.

6. Que é, com efeito, a circuncisão?

“Moisés tomou sua mulher (Séfora) e seus filhos, montou-os em um jumento e voltou às terras do Egito,... e ocorreu que, como fosse de noite, no caminho, o Senhor se encontrou com Moisés e quis matá-lo”.

Então, Séfora apanhou uma lâmina de pedra, cortou com ela a extremidade da carne de seu filho e disse: Em verdade, És para mim prometido de sangue. Tu és para mim a causa da circuncisão ““““.

A circuncisão é o testamento nupcial de sangue e de carne; é a união conjugal do homem com Deus.

Coisa estranha e espantosa!

Como faltar dela com estas palavras cortantes como o escalpelo que disseca o cadáver? É menos espantoso nutrir-se do sangue e da carne de Deus.

Que estranhas palavras!

Quem pode escutá-las? – indagaram espantados os discípulos do Senhor, quando ao ouvirem pela primeira vez.

O anel da circuncisão da circuncisão é o anel dos esposais.

Através da circuncisão, desse anel recortado na carne, o homem contempla a Deus eternamente e involuntariamente.

A extremidade da carne, seu ponto mais ardente, o sexo, é consagrado a Deus, e o Universo eleva-se a Deus por esse anel.

“Pendure-se uma corrente de ouro na abóbada do Céu. E os arrebatarei a todos, a terra e ao mar. E o Universo inteiro ficará suspenso”.(ILÍADA).

Os elos dessa corrente, os anéis da circuncisão, carnal ou espiritual, pouco importa, tornamos a encontrá-los em Israel; assim, igualmente, em toda a antiguidade pagã, no Testamento do Pai.

Moisés encontrou a circuncisão no caminho de volta para o Egito, porque o Egito é a fonte primeira do sexo sagrado.

Conta Herótodo:

“Os fenícios e os sírios de Palestina (Israel) convencionam que aprenderam a circuncisão com os egípcios”.

Na tablilha de argila da antiguidade pré-dinástica, os guerreiros de um povo semi-selvagem do nordeste da África, inimigos do Egito, aparecem já circundados.

Entre os mesmos egípcios a circuncisão existia desde a idade da pedra.

Por isso que Séfora empregou a faca (símbolo dos fratricidas Set e Caim), ou, também, a antiga e pacífica ferramenta de sílex.

Na mesma idade da pedra, os egípcios enterravam seus mortos na postura encolhida da criança no ventre de sua mãe, para que lhes fosse mais fácil nascer no outro mundo, ressuscitar.

Assim, no Egito, a primeira idéia da ressurreição vai unida à do sexo, e jamais ambas as idéias se separaram.

XVI

1. O tebano Pyles ouviu certo dia, saindo das profundezas do templo de Amon, uma voz misteriosa:

“ANUNCIA AOS MORTAIS O NASCIMENTO DE OSÍRIS, O GRANDE PAI, SALVADOR DO MUNDO”.

Em recordação dessa “Boa Nova”, estabeleceu-se em todo o Egito a festa das PAMYLIAS (das Falagogias): apresentações solenes do falo de Osíris.

Herótodo fala, a respeito disso, nestes termos:

“Os egípcios, em lugar do falo, inventaram umas figurinhas humanas com um côncavo de altura, aproximadamente, que se movem por meio de uma corda”.

Nas aldeias e nos povoados, as mulheres levam essas figurinhas, cujo o membro viril é quase do tamanho do corpo.

Um flautista vai á frente, e as mulheres o seguem, cantando louvores a Bata.

“Sobre o falo há uma palavra sagrada, que não devo revelar”.

Segundo Plutarco, Osíris itifálico “é o símbolo da fecundidade”.

Os sábios modernos não viram na religião egípcia do falo mais que um materialismo sexual, vulgar e grosseiro.

2. É próprio dos sábios modernos reduzir a profundidade religiosa à tolice. Porem, o vínculo do sexo com a procriação é tão evidente que nada há que ocultar, nem revelar, sobre o assunto.

Qual será o mistério da “palavra sagrada”, que Herótodo não se atreveu a revelar? Por último, não é com a morte, senão com a vida, que guarda relação à procriação dos filhos.

Por que, então, todos os deuses do Egito, em suas imagens itifálicas, estão mortos?

Eis Osíris, à frente do féretro, com braços e pernas envoltos em sudários mortuários, que deixam à mostra seu falo erguido, como um Lázaro itifálico.

Que quer dizer isso?

Como se concebe que os egípcios, os homens mais piedosos e santos do mundo, segundo Heródoto, pudessem levar uma imagem tão sacrílega?

Os monges coptas cristãos, quando viram o Osíris itifálico, nas paredes dos santuários e nos sarcófagos, se apressaram a retirar, cheios de horror e de repulsa, com marteladas, “O membro infame”,...o centro do inferno ““.

A Terra se transtornou ante seus olhos, e o Céu egípcio se transformou em inferno.

Mas, por opostos que estejam estes dois pólos (Céu e inferno), a sensação sexual transcendente segue sendo a mesma, tanto em um quanto em outro.

E, aqui começa o sentido da “palavra sagrada” do Egito acerca do sexo;

“O sexo excede os limites da Natureza; esta fora e acima dela;... é o abismo que leva às antípodas do Universo; é a única imagem do outro Mundo, que se nos mostra ainda neste”.

No próprio Deus abriu essa janela na carne de Adão, e a fechou de novo, porem em outra carne, transparente como o cristal.

Unicamente por esse cristal podemos lançar uma olhada deste Mundo para o outro.

3. O sexo é o único contato de nossa carne e de nosso sangue com o que está mais alem. O impulso sexual é a sede da ciência – a da Arvore da Morte: conheceu Eva, e morreu. Também nós conhecemos a morte no êxtase do amor; vamos até além, por um instante, e voltamos ao aqui.

Entretanto, para regressar, devemos esquecer o que vimos no outro mundo. Esquecemo-nos de tudo; mas os egípcios se lembravam de algo, confusamente.

A morte através do sexo, e o sexo através da morte: tal é a sensação, o conhecimento que o Egito possui de Deus – muito oposto ao nosso.

“Os dois não serão senão uma só carne”; todavia, ainda não o são no amor procriador, mortal – já que tudo o que nasce, morre: só o serão no amor imortal (ressuscitante).

4. Não é a procriação, a fecundidade; não é o nascimento com a morte que o falo de Osíris simboliza; é a ressurreição; “Oh deuses saídos da energia sexual, estendei-me vossos braços”; suplica um morto, levantando-se do ataúde (Livro dos Mortos).

Então, a deusa substituiu o membro humano, empírico, terreno, por um falo transcendente, divino, com a imagem sagrada, feita de madeira de sicômoro. Em suma, esta é precisamente, aquela que, nas falogias egípcias, simboliza a ressurreição.

Os mistérios de Ísis, o Véu de Ísis!...Quem se atreve a divulgá-los, sem ser queimado vivo?

Os mistérios de Ísis não devem ser divulgados; antes, devem ser sentidos para que não matem o conhecedor.

XVII

1. O sol que ressuscita tem que aquecer a nuca, o cerebelo do morto; pois, pensar regeneradora do Sol é exclusivamente física, equivale a compreender que a boca só presta para comer - é não compreender nada da ressurreição egípcia.

Aqui o subjetivo (o espiritual) responde ao objetivo (ao físico).

Não em vão, o nome de Osíris (Sol da Noite) vale tanto como: o Escondido.

2. Para que a ressurreição possa complementar-se no externo, na carne do homem e na do mundo exterior, deve começar no plano interno – no espírito e na verdade.

Eis aqui porque, no juízo final, os mortos são julgados ante a face da verdade, da deusa Maat.

Em um dos pratos da balança coloca-se o coração do homem; no outro, uma estatueta de Maat, ou uma leve pena.

É quando o homem diz:

“Coração meu, coração de minha mãe, não te levantes, não dês testemunho contra mim” (Livro dos Mortos).

Se o fiel da balança não treme, se o prato que contém o coração não baixa, o homem é absolvido; e, ele mesmo, pronuncia sua absolvição ante a face de Osíris:

“Não cometi nenhuma violência,... não roubei, nem matei, nem menti... nem forniquei; não me encolizei até o furor. Não fiz ninguém chorar... Não retirei o leite da boca das criancinhas... Não obriguei ninguém que trabalhasse além de suas forças”.

Fui pai dos órfãos, esposo das viúvas; nutri aqueles que tinham fome; dei de beber aos tinham sede; vesti aos que estavam desnudos. Estou puro, estou puro “”.

Responde Osíris:

“Entra pela porta misteriosa de Amenti (o outro mundo)”.

E, o homem entra - ressuscita.

O decálogo de Moisés não terá alcançado mais alto; como não haverá nada mais elevado que chegar ao Sermão da Montanha.

Porém, se o prato da balança que contém o coração baixa, o homem é condenado.

O coração é um ser distinto do homem; uma personalidade não empírica, senão transcendente – um deus que habita no homem.

O coração não pode pecar; dá testemunho contra o homem, se este comete algum pecado mortal.

Então, neste caso, já não permanece o mesmo; retira-se à sua morada: região especial do mundo de além túmulo, entregando o homem à “segunda morte” – que é, acima de tudo, o que temem os egípcios”.

É assim que o subjetivo responde ao objetivo – o Sol interior da verdade (Maat), ao Sol exterior do Mundo (Amon-Rá).

No entanto, o que ressuscita os mortos não é a verdade; é o outro Sol todo poderoso.

3. Quando um escorpião, durante a noite, ferrou Hórus, filho de Osíris, sua mãe Ísis clamou na direção do Sol; mas, este não se levantou, e a escuridão continuou sobre a Terra, até que o deus Thot, descido do Céu, curou a criança e a devolveu à própria mãe.

Desde então, as mães pronunciam sobre as crianças enfermas o conjuro de Ísis: “O Sol parou e não se move até que a criança esteja curada, e seja devolvida á sua mãe, como, em outro tempo, Hórus foi restituído à Ísis ““.

Tal é o milagre do amor - lei sobrenatural que excede mando sobre as coisas da Natureza.

4. Mas, por quem foi ressuscitado Osíris?

Ísis chora sobre ele:

“Sou tua irmã, amo-te”.

Vem para tua amada! Vem para tua irmã, tua esposa!

Quando te vi, lamentei-te e minha voz se elevou até o Céu, porém tu não me ouviste.

Sou tua irmã, aquela que te amou na Terra; ninguém te amou mais que eu ““.

A essa chamada do amor ressuscitante, o morto se levanta do funeral:

“Triunfas pelo amor... Teus raios penetram no coração das trevas. Consolas a criança no ventre de sua mãe. Antes que ela mesma o faça”.

Contemporâneo de Moisés, e não menos profeta, o rei maior do Egito, Amenófis IV (AKHHENATON Ua-em-Rá), filho único do Sol, foi o primeiro que disse ao pai:

Ninguém mais que o filho, Ua-en-Rá, te conhece’.

O coração do Mundo é o Sol do amor.

O mistério do coração e do Sol é o amor; o mistério do amor é a ressurreição:

“Aquele que acredita em MIM jamais verá a morte”.

Osíris, sombra do ressuscitado, teria podido dizer o mesmo.

XVIII

1. Não tendes lido que Aquele que criou o homem, no começo do Mundo, também criou a mulher?

Assim foi no princípio do Mundo, no Testamento do Pai:

“Os dois não serão senão uma só carne”.

E assim deveria ser, porque o Testamento do Filho, não em vão, repete essas palavras.

Não haveis lido?

Sim, lemos. Porém, não compreendemos.

Precisamente no mistério do sexo (no mistério do Dois) é onde melhor se pode aprender a coincidência de ambos os Testamentos – quanto ao dogma imóvel na estática; e, ainda, a divergência que existe quanto á vontade motriz na dinâmica.

Disse um venerando sacerdote ortodoxo (um verdadeiro cristão “em quem não há nenhuma malícia”) – o único pensador cristão que, em dois mil anos, explanou a questão religiosa do sexo:

“Ponham os esposos, à cabeceira de seu leito, a imagem da Virgem Santíssima com uma lamparina, que arda, noite e dia, e que a Sagrada face contemple de perto, inclusive durante o ato sexual”.

Não se qualifiquem de blasfêmia as minhas palavras “”.

Com efeito, que blasfêmia poderia haver nelas, se o matrimônio é um sacramento, e se são palavras do Pai (repetidas pelo Filho):

“Os dois não serão mais que uma só carne”.

Se assim é, no dogma: não o é, porém, na santidade.

Que a Santa face contemple o ato sexual nem, sequer, é um sacrilégio, senão uma transcendental falta de gosto – uma confusão de duas ordens (uma dissonância tão insuportável para o ouvido metafísico, quanto o é para audição física do risco do prego sobre o cristal):

“Devo, no ato sexual, manter-me ante Deus”.

Se devo fazê-lo, no meu coração esta de acordo com isso; entretanto, não o posso, porque minha carne, todo o meu ser físico protesta.

Nunca será possível juntar os dois fogos.

Um deles tem de extinguir-se: seja o fogo do sexo; seja o da santidade.

2. O homem é um animal pudico.

Porém, que é o pudor?

De onde vem?

Pelo mistério do pudor, expõe-se, na essência do sexo, o problema da origem sobrenatural.

É um enigma que Deus nos deu, para que resolvamos.

A face de Ishtar, deusa assírio-babilônica do amor, está coberta por um véu, com esta inscrição:

“Aquele que levantar meu véu perecerá”.

O pudor é o véu da Face Divina do sexo.

XIX

1. “Levanta-te, levanta-te Osíris”.

Sou Hórus, teu filho, que veio para devolver-te a vida, para unir teus ossos, para ligar teus músculos, para juntar teus membros.

Sou Hórus, que dá forma a seu pai. Hórus que abre tua boca. Dou-te olhos para que vejas, ouvidos pra que ouças, pernas para que Andes, mãos para que faças “”.

Com essas palavras, o sacerdote pratica sobre o morto a cerimônia Ap-Rá, a “abertura” da boca, dos olhos e dos ouvidos. Cinge a múmia com seus braços, aproxima-se-lhe o rosto e, encostando-lhe seus próprios lábios, transmite-lhe o sopro da vida:

“És deus entre os deuses, e, não obstante, recebes o que te foi dado na Terra... Tua carne cresce, teu sangue circula em suas veias e todos os teus membros estão sãos; possues teu verdadeiro coração, teu coração de antes”.

Responde o morto:

“Estou vivo, estou vivo!”.

Este materialismo não espanta, pois está longe de ser assim.

3. Da mesma forma que a cebola está feita de telas múltiplas, também o homem se forma de envolturas numerosas - corporais, animais, espirituais: uma atrás da outra, uma mais fina seguida de outra mais grosseira. Guardam uma correlação que é o objetivo de complexíssima fisiologia transcendente, que mal compreendemos.

O essencial é que a mística egípcia se esforça por estabelecer toda uma série de graus entre o corpo físico, que deve morrer, e o corpo espiritual (pneumático), que deverá ressuscitar.

O mais importante, ainda (segundo essa mística, tanto como o dogma cristão), é que o princípio vital, não sujeito à morte, não reside no corpo, nem no espírito, senão na união do corpo e do espírito – isto é, no corpo espiritual: Sahu. Só este ressuscita.

Esta é a primeira tendência do Egito para a Personalidade absoluta tendência, todavia inconsciente, porém, já, incontestavelmente religiosa.

E, é nisto, também, que o Egito se opõe mais profundamente à Índia e à Europa (que tendem à impersonalidade). Assim é porque a vontade do aniquilamento (do Nirvana) não significa, propriamente, outra coisa que a vontade de impersonalidade absoluta.

3. Quando os egípcios pré-históricos traçaram.

Não sem motivo, devido a isto, o outro Mundo, a “segunda Terra”, o Duat, já não está neste planeta, senão no Céu; como as Ilhas Bem aventuradas (Ialu) estão na Via Láctea”.

Porém, a Terra não se aniquila no Céu: o que faz é transformar-se.

4. Por mais alto que a alma suba, às vezes desce à Terra.

A vida dos mortos se assemelha aos dias em que respiravam sobre a Terra.

“Que eu passeie todos os dias pela margem de minha represa; que minha alma revolteie pelos ramos das árvores, que plantei; que me refresque aos pés dos sicômoros; que eu suba ao Céu e desça de lá, sem ser detido no caminho; que eu suba ao Céu e desça lá, sem ser detido no caminho; que meu ka seja livre” (Livro dos Mortos).

Esta liberdade, este impulso da Terra para o Céu, é o que, efetivamente, caracteriza a ressurreição egípcia. Diz um morto:

‘Seja-me permitido cumprir quantas metamorfoses eu deseje’.

Então, pode ser tudo: astro, deus, homem, animal, planta...

‘Sou o puro lótus aberto na orla do Céu, e que embalsamo o olfato do deus Sol;
Sou a andorinha, sou o escorpião – filho do Sol;

Sou o crocodilo, rei da surpresa;
Sou aquele que está no olho do Sol ““““.

5. Nem os hindus chegaram, a saber, sobre os egípcios.

A sobrevivência é para os hindus, o castigo de nossas culpas (karma); para os egípcios é uma recompensa.

No entanto, essas metamorfoses não são, como acreditava Heródoto, a transmigração das almas.

A alma do homem não pode entrar em novo corpo, já que o corpo é a projeção da personalidade.

Ele é irrepetível, tanto quanto a própria personalidade – por isso que a personalidade divina:

‘Tu és como eu, Eu Sou como Tu ““““.

Eis aqui porque a alma, depois de todas as metamorfoses, retorna para seu corpo.

‘Oh coração de meu nascimento, coração de que sempre recebi, coração terreno do qual necessito para minhas metamorfoses; não me abandones...

Tu és Eu em mim. Tu és meu kA em meu corpo. Tu és Khnum (deus escultor) que esculpiu meus membros “(Livro dos Mortos)”.

Estas palavras dizem, bem claro, que o corpo é a projeção do espírito, da personalidade. Por isso que a afirmação da personalidade (afirmação absoluta) não é a imortalidade da alma, senão a ressurreição da carne.

A alma não renasce no corpo novo; simplesmente o atravessa.

Tais metamorfoses são necessárias para que participem, ao mesmo tempo, tanto a criatura quanto o Criador, na evolução geradora.

6. Os mortos não estão em repouso, mas sim, eternamente em ação:

“Meu pai atua até hoje, e eu atuo também”.

Lutam com a morte e são seus vencedores, não só em si mesmos, como em toda a carne cósmica.

Os mortos criam a vida com os vivos.

Como a carne do homem só pode ressuscitar com a carne cósmica é preciso reunir uma à outra.

Para isso, coloca-se no peito do morto, em lugar do coração, que lhe foi extraído, um escaravelho esculpido em pedra preciosa – representando o coração, pequeno Sol inserto no corpo do homem (uma vez que o Sol é o grande coração no corpo do Mundo).

O nome do escaravelho (Kheper) significa; vir a ser, metamorfose.

Dita metamorfose é, precisamente, a evolução criadora – arrebatadora, capaz de envolver todas as resistências e de saltar por cima dos numerosos obstáculos (inclusive por cima da morte).

Com o mesmo fim, coloca-se no féretro, sob a cabeça da múmia, uma folha de papiro com a oração do deus Sol (Rá):

“Oh misterioso Amon, que velas no Céu, volta teu rosto para o corpo de teu filho;... não esqueças de seu nome”.

Vem para Osíris (aqui o nome do morto)

Dá calor à sua nuca, à alma do grande enterrado de Heliópolis (a do deus Rá).

Seu nome é o resplandecente; como Aquele que é; como o que é. Velho em dias; como Tu és’.

.

XX

1. A concepção egípcia do homem ressuscitado, ao mesmo tempo em que a carne de todo o Universo nos parece absurda.

Bérgson diz:

“Todos os seres viventes estão unidos, e todo eles cedem ao mesmo formidável impulso”.

O animal toma seu ponto na planta, o homem cavalga sobre animalidade; e, a Humanidade inteira, no espaço e no tempo, é um imenso exército que batalha ao lado de cada homem – e que é capaz de atropelar todas as resistências,...Inclusive, talvez a morte ““.

Enquanto Bérgson fala “talvez”, o Egito afirma que “seguramente (essa é a diferença)”.

A evolução criadora de Bérgson é o “nem-ankh’ do Egito: a renovação da vida”.

Todos nós admitimos essa evolução.

A única questão está em saber se, realmente, é criadora.

Leva a alguma parte?

2. A roda do mundo gira por um caminho qualquer, para um fim qualquer, semelhante às rodas cheias de óleo do carro de Ezequiel, que “ia a todos os lugares para onde o espírito o impulsionava’; ou circula cegamente, sem finalidade, como a roda maldita de Íxion, instrumento de tortura infernal?”.

Sobre as tumbas egípcias se depositavam vasos de pedra (canopos), que continham as vísceras embalsamadas do defunto.

As tampas desses vasos representavam cabeças de diferentes animais – entre eles as do macaco (que, segundo a teoria de Darwin’ é um de nossos antepassados).

Pelo que nos toca, nosso caminho é o inverso; não é garantido que conduza de Deus até o homem; mas, talvez, em troca, do homem para o macaco.

3. Cada morto, ao ressuscitar, se converte em Osíris:

‘Tão certo como que Osíris não esta morto, também não está morto ele; tão certo como que Osíris está vivo, também ele está vivo’.

O próprio Osíris é quem o diz, falando pela boca de um morto: ‘Levanto-me como deus vivo; brilho no círculo dos deuses.Sou como um de vós, oh deuses “!’”.

E, mais audazmente, ainda:

‘Tu (o ressuscitado) mandas nos deuses’(inscrição de uma pirâmide).

Ou, em conformidade com o Livro dos Mortos:

“Eu sou o único; meu ser é o de todos os deuses na eternidade”.

“Se ele (o ressuscitado) quer que vós morrais, oh deuses, morrereis; se quer que vivais, vivereis”.

“Os deuses vêm para ti, e ante ti caem, com a face colocada ao solo, para beijar o pó de teus pés”.

Isto é blasfêmia?

Sim; se nos recordamos que o homem ressurrecto é o deus Osíris, e se não sabemos de quem é a sombra.

Porém, se sabe isto, então as palavras que o homem ressurrecto, Osíris, a sombra, diz de seu corpo, já não são blasfêmia, senão oração: “Ele é, Eu sou; Eu sou, Ele é”.

E, mais claramente, em um papiro da época helenística:

“Porque Tu és, Eu e Eu somos Tu”.

Não é uma blasfêmia; é a glorificação do Senhor, se todos os deuses caem, como sombras, aos pés de seu corpo, e morrem sob os raios do Sol Único.

“O Eterno edificou seu tribunal no meio dos deuses. Todos vós sois deuses, filhos do Altíssimo, e, não obstante isso, morrereis” (Salmos).

Eis que parece o Egito responder a Israel:

“Se ele o quisesse assim, morreríeis; se o quisesse, viveríeis”.

4. Nos baixos-relevos das pirâmides, no hieróglifo que representa a serpente, está, quase sempre, ela cortada em pedaços, a fim de que, em chegando à ressurreição, o réptil não morda o defunto.

No féretro, deixam-se espelhos, adereços coloridos, bonecas, dados, livros de contos – para que, no outro mundo, possa o defunto brincar e ler, se o tédio dele se apoderar.

O deus se aborrece, brinca com bonecas, olha-se no espelho, pinta-se, teme o bote da serpente.

Ao invés de ver, nessas contradições bárbaras e pueris, que o Egito não une, entenda-se que elas confundem o homem com o deus – este mundo com o outro.

Pode parecer que os egípcios fossem selvagens, ou como crianças grandes, quando comparados com as pessoas de nossos tempos.

Contudo, o assombroso é que, três mil anos antes de Cristo, esses selvagens souberam mais sobre o cristianismo do que nós.

Somos incapazes de medir exatamente a extensão do que eles sabiam.

Não só porque a ciência deles parece confusa ou inconveniente (porque se podem saber muitas coisas inconvenientemente), senão também, porque até a maneira de pensar dos egípcios é demasiado diferente da nossa: a força de nosso pensamento está na razão, enquanto a dos egípcios está no coração.

Não em vão, eles dispõem unicamente de uma palavra para designar o coração e a razão, que é: “coração”.

5. Tanto quanto os selvagens e as crianças, os egípcios confundem o outro mundo com este.

Mas, não por completo:

‘Quando o tempo for eternidade, vê-lo-emos novamente, porque lá é onde todos são um “(lamentação fúnebre)”.

Isto significa que, neste mundo, no tempo, a ressurreição não faz mais que começar, porque só se acaba na eternidade.

Já não há, nisso, uma distinção, quase consciente, entre os dois mundos?
Uma coisa pode-se afirmar, com exatidão: a ressurreição egípcia da carne está mais perto da ressurreição cristã do que a “imortalidade da alma” pagã.
Na ressurreição, o outro mundo se une a este; o tempo será eternidade; os mundos se afirmam mutuamente; ao passo que na eternidade se aniquilam e se negam.
Se traça, até o fim, essa linha de negação recíproca, chega-se ao aniquilamento dos dois mundos - ao nada perfeito, ao Nirvana.

6. O Meon, de Platão, o “Deus que não é”, na verdade, é o pai de Buda.
Eis aqui porque toda Europa meônica (a de Schopenhauer, de Einstein) gravita do Egito para a Índia.
Pode-se dizer que o Egito é o extremo oposto da Índia - como Osíris o é do Buda que se propala.
O Egito é o antídoto mais eficaz contra o veneno administrado pelos falsos budistas, contra a falsa teosofia (aquela cuja sacrílega ignorância confundiu o Cristo com o Buda).
Até Apolônio de Tiana, o primeiro teósofo, sonhava suprimir o Cristo único, porque era discípulo dos gimnosofistas hindus.
Do Buda para Osíris, da Índia para o Egito: tal é nosso caminho de salvação.
Eis porque o Egito é tão atual, tão “apocalíptico”.

7. Nossa própria experiência nos ensina quão difícil é acreditar na imortalidade da alma; porém, tanto mais difícil, ainda é crer na ressurreição da carne.
Por isso foi preciso que Deus abaixasse á Terra, e, ainda, assim, não se aceitou essa ressurreição:
“Porém, eles, perturbados e possuídos de espanto, acreditavam estar vendo um espírito. E lhes disse Ele:” Por que estais confusos e por que se levantam pensamentos em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés; porque Sou Eu mesmo. Tocai-me o olhai-me, pois que um espírito não tem carne, nem ossos, como Eu tenho “. (Lucas XXIV, 3738)”.
De todas as palavras humanas, estas são as mais incompreensíveis, as mais inaceitáveis, as mais impossíveis.
Apenas as haviam admitido e já duvidavam delas.
Depois de uma bastante árdua crença na ressurreição, os homens passaram á concepção mais fácil baseada na imortalidade da alma.

8. Os egípcios parecem que sabiam, tão bem quanto nós, o que é a morte e até que ponto iniludível sua lei é física.
Quase todos os povos antigos e modernos se apressam a queimar ou a enterrar os cadáveres, a fim de não ver sua decomposição – para que possam, em paz, acreditar ou não na imortalidade da alma.
Os egípcios conservam os cadáveres cuidadosamente e lutavam (admitamos que com procedimentos infantis, bárbaros, impotentes; mas, a despeito de tudo, lutavam), cara a cara, contra a morte e a decomposição.
‘Bárbaros e crianças “, todavia homens”.

O que seja a decomposição, eles o sabiam, tão bem quanto nós – se não cientificamente, ao menos pelos sentidos e por experiência: ‘Senhor, já exala mau “(JOÃO, XI, 39)”’. Também eles poderiam tê-lo dito, mas não o fizeram: acreditavam na ressurreição. Desde a idade da pedra até o cristianismo, levaram com eles, uma fé louca e a depositaram aos pés do Ressuscitado.

XXI

1. O próprio Egito estava bifurcado entre sua aversão e sua inclinação para Set, irmão fratricida de Osíris.

Os Tomes e os Ramsés, reis guerreiros, restabeleceram seu culto.

Em uma inscrição funerária, o faraó Seti I, cujo nome vem do deus Set, denominava-se, a si mesmo, de Usiri (Osíris) – evitando pronunciar o outro nome, demasiado terrível. Demasiado terrível, ou demasiado santo?

Mesmo o Egito não o sabe, e não pode ou não quer sabê-lo.

Há nisto uma nuvem no olho do Egito.

Maldisse SET, porém não por completo.

Traçaram seu nome apenas os Tutmés e os Ramsés, enquanto os reis posteriores o apagam, raspam e picam a marteladas.

O benévolo, o tranqüilo, o pacífico Egito esteve separado, irresistivelmente, do deus da guerra.

O equilíbrio da balança de Mênfis é insustentável.

A paz entre Deus e Satan não é segura: apenas reconciliados volta a começar a guerra entre ambos.

Set é vencido todas as manhãs por Hórus; e, Hórus por Set, todas as tardes – esta luta não tem fim.

Set não é Satan.

Na religião egípcia, Satan, o sumo mal, não existe (pela simples razão de que não há luta suprema sem fim absoluto).

É necessário que haja um fim?

O Egito o ignora, e nisso consiste sua fraqueza.

2. Parece que o homem, no Egito, provou, já os frutos da Árvore da Ciência; porém, seu veneno ainda não se estendeu pelas veias.

O homem saiu das mãos de Deus; por isso que a fonte de luz está por detrás dele.

O Egito se afasta da luz, e a luz se torna mais débil.

A dualidade religiosa do Egito reside, precisamente, nessa debilitação da luz – crepúsculo que chega.

Na luz originária, a ressurreição coincide com o fim deste Mundo e com o principio do outro; enquanto, no crepúsculo que se aproxima, a idéia do fim se obscurece.

Os dois mundos se confundem, sem se unir, e a ressurreição passa a ser a renovação da vida (nem-ankh).

3. Todo aquele que se dá no tempo, repete-se na eternidade, com identidade perfeita. Uma folha seca, ao cair da árvore, gira no ar e girará, sempre, de eternidade em eternidade – em repetições inumeráveis.

Como as partículas de vidro de um caleidoscópio, os mais vulgares caracteres da vida se justapõem, num conjunto, num conjunto conhecido e, ao mesmo tempo, incógnito (estranho e familiar), de tal modo que, com precisão transcendente:

“Tudo isto já foi”;

No entanto, não sei quando...”“.

Os ciclos cósmicos se sucedem, e o fim de cada qual é o começo do outro.

É que não há nem princípio, nem fim de cada qual é o começo do outro.

É que não há nem princípio, nem fim; porém, tão somente, existe a continuação, ou seja, o retorno ao ciclo eterno.

4. O “men-ankh” é a apocatástase dos órficos - a renovação do Mundo:

“Ocorre que, em intervalos infinitamente longos, ao se desviarem os astros de seu caminho, tudo o que se encontra sobre a Terra é destruído pelo fogo”.

Então, é quando se produz a apocatástase; ao reintegrarem-se no Céu as estrelas, ao seu primitivo lugar, o Mundo retorna a começar “““.

No Mundo novo, a alma se reintegra ao corpo velho, revive e torna a morrer; e, assim, sempre, sem fim.

É o movimento imóvel - o horror dos crepúsculos egípcios.

5. Osíris é uma múmia eterna, um morto sempre ressuscitante, porém nunca ressuscitado – posto que não há ressurreição definitiva, senão, tão-somente, um esforço infinito para ela.

O mistério da transcendência divina, na doutrina dos sacerdotes, porém já se perdeu na crença popular.

A idéia do deus que domina o Mundo, apaga-se: já não é a união, senão a confusão das duas ordens.

Recorde-se, não obstante, que o homem há de ser Deus-conquanto se esqueça de que ainda não o é (antes, não raro, pensa sê-lo).

Não se trata de uma diferença de medida ou de grau. A divinização do homem cede posto à humanização de Deus.

Os deuses são homens: envelhecem, sofrem, morrem e ressuscitam.

Todo o culto egípcio não tem outro objetivo que não a ressurreição dos deuses mortos.

A estátua do Deus é seu cadáver.

6. Iguais a Osíris, todos os deuses do Egito são múmias eternas-mortas, não ressuscitadas.

Quando o Rei penetra no santuário, cada deus não é mais que o cadáver de Osíris, morto por Set. Seu corpo está destroçado, seus ossos rompidos, sua cabeça partida.

O ofício cotidiano e o ofício fúnebre são idênticos: com a ajuda do mesmo instrumento, que possui a forma do Uraeus – a serpente solar, abre-se a boca das duas múmias (a do homem e a do deus), ungem-nas com os mesmos aromas, queima-se para eles os mesmos perfumes, e oferecem-se-lhes os mesmos adereços.

O rei-sacerdote, ao beijar ao deus morto, infunde-lhe a vida (o objetivo do ofício está conseguido quando o corpo do deus morto se anima entre seus braços). Mas não por muito tempo: o deus morre outra vez, e, em seguida, é ressuscitado novamente; assim, sempre sem fim.

7. Os deuses mortais do Egito são bastante humanos.

No princípio do ofício quotidiano, o sacerdote tranqüiliza o deus:

“Não vim para matar o deus, senão para reanimá-lo”.

Mas, que deus é esse, a quem se há de tranqüilizar assim?

Divinização do homem, humanização do deus: entre esses dois extremos se imagina e se debate o pensamento do Egito.

Seu meio-dia de acha no princípio do Homem-Deus; seu crepúsculo está no Deus-Homem.

Todo o Egito descansa nesta crença:

“O Rei é Deus”.

Pode-se afirmar que jamais houve, em parte alguma, teocracia mais perfeita.

Essa teocracia é, já, o “**Kiliasma**”, ou Reino Milenário-porém, no sentido contrário ao do Cristianismo: o “**Kiliasma**” no presente, e não no futuro; na estática, e não na dinâmica.

O Apocalipse diz: “será”. O Egito demonstra: “é”.

8. A Humanidade divinizada (dos reis assírios-babilônicos, dos Césares romanos, dos imperadores bizantinos) não é mais que a herança dos faraós – a sobrevivência eterna do Egito através dos povos e dos séculos.

Nosso socialismo não é o “**Kiliasma**” voltado pelo avesso – o reinado do homem a substituir o de Deus?

Três mistérios se cumprem.

Em três raios fulge a luz originária.

Osíris ressurecto é o mistério do Uno – a personalidade. Osíris itifálico é o mistério do Dois – o sexo. E Osíris teocrático é mistério do Três – a sociedade.

Três Osíris em um ; três mistérios em um.

Todavia, essa não é a união suprema (não é mais primeira fusão, ainda).

Três raios, três espadas: porque, semelhantes a espadas, nos traspassam e nos ferem as antinomias da personalidade, do sexo e da sociedade – em nós se abrem e em nós se separam, até o infinito, as três folhas do Trevo Divino.

Entretanto, continuam fechadas, no Egito, as pétalas do lótus imenso, em que dorme o Menino-Deus.

9. Por trás do crepúsculo do Egito, o mundo assistiu como se tornava mais densa a noite profunda, pois a sede egípcia de ressurreição o “agarrrou pelos cabelos”.

Passam-se os tempos, e permanece o mistério:

“Sabe que a tumba triunfa por sobre toda a civilização?...”.

É onde se tem uma palavra infinita; um deserto, no qual não há ninguém, não há nada... Ou, nada além que um outeiro, no qual está enterrado um homem “““.

Tais palavras simples: “está enterrado um homem (ou,” um homem está morto “); com seu sentido pungente, seu sentido imenso, elas dominam todos o planeta – pois são mais fortes que todos os manuais de história, os Atilas e os Césares”.

Todo os grandes homens nunca ultrapassaram o que tinha de fazer. Porém, “um homem está morto”, sem que saibamos quem seja!

Isso é tão espantoso, tão desesperante, que toda civilização sossobra diante de nosso espírito – e, já não queremos nem Atilas, nem Césares, senão sentar-nos nesse outeiro e uivar humildemente, como um cão.

Desse outeiro, em que “está enterrado um homem”, surgiu a pirâmide de Quéops; desse uivar de cão nasceu o canto fúnebre do tempo dos Ptolomeus:

“Os construtores das pirâmides”.

Não chegaram a ser deuses.

Seus féretros estão vazios, como os dos mendigos,

Abandonados às margens das águas desertas...

Ninguém volverá para dizer-nos

O que nos espera além do féretro.

Ninguém nos consolará, até o dia em que, também nós,

Sigamos diante de onde fomos...

Aproveita, pis, teu dia, o mortal,

E faz tua obra na Terra,

Até o momento das supremas lamentações.

Se não, o Deus-de-coração-imovel na te escutará “”.

Não significa este canto fúnebre que o Egito serviu aos deuses em vão? Nesse mesmo tom, retorna-se à pergunta:

“Que significa a grandeza dois vícios”,

E o nada dos mortos?”“”.

Significam conformidade com a lei – é a respostas.

Mil anos antes dos Ptolomeus, o velho tocador de harpa do rei Anteff cantava (papiro Harris):

“Do reino eterno”,

Da Terra da justiça,

E, que não há violência, nem guerra,

Em que o irmão não ataca o irmão,

Nela, todos estão distendidos, em paz.

Multidões de multidões

Submetidas a uma mesma lei,

Dedicada a todos aqueles

Que entram na vida;

Vive, desfruta, até que à tua vez,

Te estendas no leito mortuário.

A melhor das sortes

É a calma do Deus-de-coração-imóvel.

Sucedem-se as gerações,

O Sol sai e se põe,

Engendram os homens, as mulheres parem,

Todos os narizes respiram o ar matinal,

Até que o homem vá além de onde deve ir.

Unge-se, pois, com preciosos aromas.

Trança grinaldas de lótus

Para os peitos de tua amada.

Goza dos melodiosos cantos,

Esquece todos os pezares,

Pensa, tão só, na alegria,

Até que tua barca aborde
Às silenciosas margens...
Eu sei que ocorreu aos pais de nossos pais.
Suas aventuras se acham destruídas,
Seu lugar já não os reconhece.
Pois foi como se nunca existissem.
Regozija-te, oh imortal, do dia que te é concedido ““”.
Sem embargo, não há gozo algum para os desventurado – para quem, na noite profunda, sob o sopro sibilante do ventilador, agarrou pelos cabelos a sede de imortalidade; e, tampouco, não o há para aquele que uiva como um cão sobre o fúnebre outeiro.

XXII

1. Nunca, em parte alguma, houve tanta alegria como no Egito; e, nem houve, jamais, tanta tristeza.

Tal é o fim do Egito; começa com a ressurreição e se finda com a morte-das-mortes.

A criação do Mundo é o riso de Deus.

Deus sorri e cria com seu riso.

Os seis dias da criação são seis risos de Deus; mas, quando se riu pela sétima vez, afligiu-se e verteu lágrimas de Deus – essa lágrima de Deus é a alma do homem.

Eis aqui de onde vem à tristeza do Egito.

2. Em uma das tumbas do Vale dos Reis, o corpo embalsamado de uma princesa desconhecida se decompõe, desde há milhares de anos.

Tal é o fim do Egito. Diante do rosto de Osíris (radiante como o Sol) está à face negra da múmia, que vai apodrecendo, sob o cântico da ressurreição – o cântico da morte-das-mortes: “Vem”!

No reino dos mortos (Duat) há um cemitério dos deuses.

À oitava hora da noite, quando o deus Sol passa em sua barca por esse cemitério, os deuses mortos se animam um pouco, removem-se, querem levantar-se, porém não podem, e não podem, e não respondem à chamada de Rá, senão com um murmúrio - com um sussurro semelhante ao zumbido das abelhas sobre as flores, ou ao frêmito das libélulas sobre as águas no silêncio do meio-dia.

Eis aqui o supremo grito de desespero;

“Hoje a morte é, para mim, como perfume de mirra e de lótus,... como o caminho sob as chuvas refrescantes,... como o retorno à pátria”.

Que chegue logo o fim!

Não conceber mais, não parir mais!

Toda voz morre na Terra!

Que toda disputa se pacifique.”“”.

3. O fim do Egito é, já, o término do Mundo: não cabe mais que se sentar sobre o outeiro em que a Humanidade jaz enterrada, uivando como um cão.

O fim do Egito é nossa morte; seu juízo final é o nosso:

“O Senhor subirá em uma leve nuvem, e entrara no Egito, e seus ídolos cairão fulminados ante sua Face, e o coração do Egito se consumirá”.

Oh Egito! De tua religião não ficarão senão contos, palavras gravadas na pedra...

Tempo virá em que se diga que os egípcios serviram aos deuses em vão “”.

Não em vão; conquanto pense que ante uma gota vertida do Gólgota, toda a força do Egito é impotente, toda a sua cordura é demência, toda sua grandeza é vaidade.

Porém, o Senhor disse: “Chamei o meu Filho para fora do Egito”; e, sem blasfêmia, poderia dizer-se que foi necessário o Egito para o Filho, como o Filho o foi para o Egito; e, como para o Cristo que chega.

O caminho, ao que parece, está preparado.

Todo o Egito é esse caminho.

A terra foi preparada para a sementeira do Senhor, com o arado do Egito.

4. O silêncio do Egito é o da espera.

“Veni, Domine”, murmura, imobilizando-se – petrificando-se à espera.

Predisse Hermes:

‘O Egito, em outro tempo, terra santa, passará a ser exemplo de impiedade; então, o homem, cheio de repugnância para com as coisas, já não terá veneração, nem amor, para o Mundo “”.

Essa predição complicou-se, uma vez que é na terra santa do Egito que os primeiros ascetas cristãos maldizem o Mundo: na s primeiras comunidades monásticas, nos eremitérios da Tebaida, é onde o Céu não se une à Terra, senão que ela se separa.

Não vim trazer paz, senão espada “; pois, assim é: para unir, há que separar, até o fim”.

As três espadas que dividem são as três folhas do Trevo Divino.

Não obstante fechado, na primeira primavera do Mundo, o Egito se abrirá na última.

5. O Egito volve a começar.

Assim se dizia, ás vésperas da primeira vinda de Cristo; assim se dirá, talvez, ás vésperas de sua segunda vinda.

Na primeira vez, o Egito salvou o Menino das mãos de Herodes. Pode ser que O salve novamente:

‘Foge para o Egito, e permanece ali até que te diga, porque Herodes quer buscar o Menino para fazê-lo perecer “”.

Beijo, na terra santa do Egito, as pegadas deixadas pela Criança, e choro de prazer.

Acolho-me em Tua misericórdia, oh Senhor, porque encontrei Teu rastro!

XXIII

1. “Havendo nascido Jesus de Belém, lugar da Judéia, em tempos do rei Herodes, uns dos magos do Oriente chegaram a Jerusalém.

A estrela que haviam visto, no Oriente, ia diante deles, até que, havendo chegado ao lugar em que se achava a Criança, ali se deteve.

Quando viram que a estrela se deteve, eles se regozijaram com muito gozo.

E, entrando na casa, viram o Menino com Maria, Sua Mãe; e, O adoraram, prostrando-se ante Ele; e, abrindo seus tesouros, Lhe ofereceram dons”.

2. Diz São Jerônimo:

“Belém – que é, para nós, o lugar mais sagrado do Universo, e do qual o salmista cantou ser onde nasceu a verdade na Terra; recebeu, em um outro tempo, a sombra do bosque de Tammuz Adônis (assim como, na gruta, o amado de Vênus)”.

Chorado, primeiro como morto, Tammuz é cantado, e logo glorificado como ressuscitado. Significa isto que a morte e a ressurreição do Messias (mistério do Cristo) foram preditas pelo mistério de Tammuz Adônis.

Foi o que os magos do Oriente acudiram a adorar.

3. Os magos são sábios caldeus, astrólogos, adoradores das estrelas.

O astro, que viram no Oriente, era a estrela matutina Vênus – a Ishtar babilônico.

Sua aparição assinalava, onde quer que adorassem a Tammuz Adônis (de Babilônia até as colunas de Hércules), o principio das festas em que se chorava a morte desse deuses – ou se celebrava sua ressurreição.

Sem e Jafet, semitas e ários, separados desde as origens pela língua, pelo espírito e pelo sangue, unem-se sob o nome misterioso dessa estrela- em semita, babilônico, Ishtar; em fenício, Astarté (o mesmo que encontramos em sânscrito, Star; em avesta, stare;em grego, áster; em latim, astrum-stella; m alemão, stern; em francês, astre).

Assim, em todos os séculos e em todos os povos, desde a imemorial antiguidade (quando “não havia mais que uma só língua em toda a Terra”) até nossos dias, p nome Ishtar (a estrela da manhã) segue sendo o mesmo.

4. Dissera-se que todas a Humanidade, tão logo desperta no berço, alcança os olhos para essa mesma estrela.

Assim diz o hino babilônico:

“Subo no Sol que ilumina.

Subo na perfeição, atento às profecias.

Eu, Ishtar, a deusa do poente;

Eu, Ishtar, a deusa da aurora”.

Seu nome celeste é Ishtar; seu nome terreno é Mami.

Também nela se unem as duas metades da Humanidade – semita e ária.

Em todos os seus idiomas voltamos a encontrar a raiz: mater-ma”, igualmente oriunda da antiguidade imemorial.

5. A Humanidade, no berço, elevando os olhos para a estrela matutina, balbuciou: “Mami”.

A mesma palavra com que todas as criancinhas começam a falar.

Ao pronunciá-la, tanto se pode despertar para a vida, quando afundar no último sono.

No tempo do rei Hamurábi, contemporâneo de Abraão, e primeiro legislador da Humanidade, todas as deusas sumero-babilônicas se confundem numa só: Ishtar-Mami (Mãe dos deuses e dos homens: Mãe das mães).

“Tendo sido criado pela sabia Mami, recebeu o cetro e a coroa” – fala-se do rei Hamurábi, no principio de seu código; e, todos os reis de Babilônia são criaturas suas (todos eles, como crianças, balbuciam para ela: Mami...)”

“Eu te protegerei, como a mãe, que cuida de seu filho.

E te esconderei nos meus peitos, como o fecho de um colar.

Não tenhas medo, meu filho!”

A mais antiga de suas imagens é a de uma mãe que dá o seio a seu filho, que o aperta com as mãos, como para fazer brotar o leite; e, conquanto, às vezes, traga o corpo desnudo, de mais grosseira execução, ela é quase infantil, semi-virginal.

Uma das suas estátuas foi achada no tumulo de Tello, na Mesopotâmia, e é quase exatamente a mesma forma que as encontradas no Egito pré-histórico, em Siromamemn (Fenícia), na Ásia Menor (Ketea), em Creta (camadas minoanas – pré-helênicas), e, mais profundamente, nos substratos neolíticos da Europa ocidental, inclusive nas cavernas da idade da pedra.

Em todas as partes, é a mesma – é a Mãe com seu filho.

Desde o principio do Mundo, até o final, é a “mulher vestida de Sol, com a Lua aos seus pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça: esteve grávida, e trouxe ao Mundo um Filho – Apoc”.

Também nos timbres babilônicos, encontramos Ishtar, desnuda ou vestida, iluminada pelo sol, com a Lua ao seus pés e a coroa de estrelas na cabeça.

Sempre Ela, em todas as partes.

Para Ela (à Mãe), endereçam-se o primeiro e o último pensamentos da Humanidade; por Ela começou tudo, e, talvez, acabe tudo.

A Humanidade é semelhante àquele pobre cavaleiro:

“Cheio de amor puro,

Fiel a seu doce sonho,

Traçou sobre seu escudo

A.M.D. – com seu próprio sangue.

Que todos os Teus filhos, oh Mãe,

Sejam protegidos e salvos por Ti.

Reina onipotente, misericordiosa, protetora.

Fora de Ti não há refugio!

Para Ti, levanto os olhos,

Colho a orla de Tuas vestes.

Tu salvas, absolves e perdoas.”

Esta é uma litania cristã? Não; é um texto cuneiforme de Babilônia.

A.M.D. (“Alma Mater Dei”) equivale à expressão Babilônica “Ummu rimnituum ra nire” (Mãe misericordiosa dos homens).

6. Em Barzippa, arrabalde de Babilônia, erguem-se, por cima do atual tumulo de Birs Nimrud, as ruínas de uma antiga torre de betume e tijolos. Santuário de deu Nebo, o Adivinho.

É um observatório astronômico, gigantesca zigurat de sete pavimentos:

“Edifiquemos uma torre que chegue ao Céu.”

Segundo Heródoto, essa torre se compunha de oito patamares, que se iam estreitando para a cúspide, de sorte que sobre a primeira se erguia a segunda a terceira, e, assim, sucessivamente – oito torres postas, umas sobre as outras e na última, um santuário, com um leito magnífico e com uma mesa de ouro, onde não se via imagem alguma do deus (nem permanecia ninguém ali, salvo uma mulher daquele povo, eleita pela divindade).

Contam os caldeus que o próprio deus descia até o santuário e descansava no leito- do mesmo modo que, em Tebas(Egito), uma mulher permanece toda à noite no santuário dos deuses, e “nenhum dos dois conhece esposo”.

Chamava-se Kadistu (imaculada),ou Enitu(prometida de Deus),a mulher virgem, que vivia em célula especial junto a todo templo babilônico consagrado a Ishtar.

Uma delas,durante as festas da deusa,levada junto a todo templo babilônico consagrado a Ishtar.

Uma das festas da deusa, levada em procissão solene pelos sacerdotes,subia pela escada, de sete em sete degraus, até o alto da torre, de sete patamares e de sete portas (a zigurat).

A virgem, então , ostentava sete ornamentos preciosos, como a própria deusa.

Os sacerdotes a despojavam de um desses ornamentos, em cada porta, na primeira, a tiara real ;na segunda , dos pendentess;na terceira, do colar;na quarta, do efóde, sobre os ombros;na quinta, dos anéis, ao redor dos tornozelos, braços e dedos;na sexta, do cinturão; e por último, na sétima, do “véu do pudor”, que lhe cobria o sexo.

Eis que a virgem estava completamente desnuda no santuário.

Em cima dos telhados planos da grande cidade,inumeráveis multidões contemplavam-na subir, semelhante a uma divindade,entre a nuvem de aromas,entre o rumor de rezas,entre as vozes de harpas e de saltérios .

Sobre os patamares , no Céu sem nuvens de Sennaar, refulgem a estrela vespertina e o fino minguante da Lua.

Quando , antes de entrar no santuário, cai o último véu, protege os imaculados quadris, todo corpo desnudo se confunde com as cores astrais do azul celeste e da Alba lunar, marcado com o escuro triângulo de pudor;enquanto as multidões humanas se dirigem com o rosto para o solo, fulminadas por um terror sagrado.

No alto da torre, os espigões de laço azul celeste do santuário se confundiam com a cor profunda do firmamento, de tal forma que não se podia distinguir.

Parecia que a cúspide do edifício tocava o próprio Céu – e que este era o mesmo Céu onde sempre estava a Imaculada.

O que Heródoto conta a respeito da mulher (ou da virgem), que esperava na torre pelo deus, está confirmado através dos sinais e dos cilindros de Babilônia.

Na parte mais alta de uma torre (disposta em vários patamares) está o deus sentado, como em um leito nupcial.

Ali uma velha conduz uma virgem, e o deus lhe estende uma flor.

Eis que foi dada uma flor branca.

Foi-lhe dada uma branca açucena:”Regozija-te cheia de Glória”...